



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM –
PPGLIN
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MARIA CAROLINA LIMA SILVA

**MARCAS TEXTUAIS DA ATUALIZAÇÃO DA POLÊMICA SOBRE A COVID-
19 NO INSTAGRAM DO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE**

ACARAPE

2023

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM –
PPGLIN
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MARIA CAROLINA LIMA SILVA

**MARCAS TEXTUAIS DA ATUALIZAÇÃO DA POLÊMICA SOBRE A COVID-
19 NO INSTAGRAM DO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.
Área de concentração: Linguística.
Linha de pesquisa: Práticas textuais-discursivas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mariza Angélica Paiva Brito.

ACARAPE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Maria Carolina Lima.

S578m

Marcas textuais da atualização da polêmica sobre a Covid-19 no Instagram do Jornal Diário do Nordeste / Maria Carolina Lima Silva.
- Redenção, 2024.
92f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem,
Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção,
2024.

Orientador: Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito.

1. Linguística textual. 2. Análise do discurso. 3. Polêmica.
4. Intertextualidade. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.41

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM –
PPGLIN
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**MARCAS TEXTUAIS DA ATUALIZAÇÃO DA POLÊMICA SOBRE A COVID-
19 NO INSTAGRAM DO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 23/01/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB) – Orientadora

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva (UFERSA) – 1º examinador

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) – 2ª examinadora

**À minha avó, Dona Tetê (*in memoriam*),
e ao meu filho, Pedro Gael, razão para eu não desistir.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em sua infinita bondade me concede forças diariamente para enfrentar todos os percalços da vida. Apesar de muitas vezes me sentir sem chão, sei que Ele olha por mim e me abençoa, fazendo o impossível se realizar.

À minha avó, Dona Terezinha Rodrigues de Amorim (*in memoriam*), que é meu maior exemplo de mulher. Por dezoito anos ela foi minha maior referência, minha maior orientadora, a pessoa que colocou na minha cabeça que o único caminho para um futuro melhor era através do estudo. Mesmo não estando aqui fisicamente, creio que ela, de alguma maneira, está constantemente me impulsionando e guiando meus passos em minha caminhada. Amo eternamente.

Aos meus pais, Pedro e Lúcia, que mesmo não entendendo a importância do meu caminho até aqui, não deixaram de acreditar que o melhor eu poderia alcançar.

Às minhas irmãs, Ana Cláudia e Luana, por me darem confiança e sempre me colocarem numa posição de exemplo e determinação em meio às alegrias e tristezas da vida.

Aos meus irmãos, Roberto, Gustavo e Guilherme, que, mesmo tão diferentes uns dos outros, me repassam carinho e respeito, e fortalecem meu caminho.

Às minhas sobrinhas, Ana Beatriz, Lara Cristinny e Maria Clara, que me ensinaram o ato de cuidar, de dar amor, de maternar. Vocês foram as primeiras forças que me impulsionaram para buscar algo melhor. Foi por vocês, também, que busquei ser, de alguma maneira, exemplo para uma vida independente e feliz.

À família do meu esposo, em especial minha sogra, Dona Auxí, que é a fortaleza que nos protege, que nos acolhe, que nos ama. A senhora é um dos maiores exemplos de mulher que tenho em minha vida. Obrigada por sempre acreditar em mim.

Ao meu companheiro de vida, Marcio, que mesmo com uma cabeça tão diferente da minha, está aqui me apoiando incondicionalmente. Ele me apresentou à Unilab, me incentivou a ingressar nela, acreditou em mim nos momentos em que eu mesma não acreditava. E, mesmo com tantas dificuldades que enfrentamos nos últimos anos, ele se doa inteiramente para a nossa família, exercendo seu papel de marido e de pai de forma exemplar e necessária, muitas vezes fazendo o possível para que possa me trancar dentro de um quarto para estudar, mesmo o mundo desabando do lado de fora. Muito obrigado por ser meu porto seguro e demonstrar, através de ações, o que podemos chamar de amor.

À pessoa mais importante da minha vida, meu Pedro Gael, meu filho amado, por ser revolução em minha existência. Esperei por muito tempo para ser sua mãe, mas não

imaginava que a cada instante ao teu lado seria de aprendizado. Meu menino, que está no espectro autista, me faz ser sensível para perceber, interpretar e entender suas mudanças de comportamento, me faz ser emotiva, pois me ensinou a compreender o valor de um sorriso e um olhar compartilhado, me faz ser resiliente, superando cada crise, cada grito, cada choro, cada noite não dormida, na esperança e busca de um futuro mais leve e de pleno desenvolvimento para ele. Em sua condição de ainda não se comunicar de forma verbal, me faz dar um olhar mais sensível à linguagem, buscando assimilar os seus gestos, seu olhar, seu cantarolar, que muito diz sobre ele e sobre como devemos prosseguir no dia a dia. Tudo que eu faço é por ti.

À minha orientadora Mariza Brito, por ter me acolhido desde o primeiro momento do mestrado. Agradeço por ter acreditado em mim, por ter sido gentil, compreensiva e não ter me deixado desistir, quando eu pensava que já não seria mais possível. A senhora é amor, todas e todos a sua volta comprovam isso. Obrigada por tudo.

À professora Ana Paula, que estive na minha qualificação, por todo o carinho que me direcionou. Sua leveza e simpatia são exemplo que quero seguir.

Ao professor Ananias, que estive em todos os momentos de avaliação do meu trabalho, como também em aulas de disciplinas com a Mariza, o senhor fez parte desse caminho nesses dois anos, suas palavras e ensinamentos foram importantíssimos na minha construção até aqui.

À professora Mônica Cavalcante, por ser essa potência de ser humano que contribui significativamente na vida de tantas pessoas. Apesar do medo que inicialmente me tomou por tê-la avaliando meu trabalho, foi, e é, uma honra escutá-la e aprender com cada fala sua.

À minha amiga Rita Alencar, que mesmo a milhares de quilômetros de distância, se faz presente diariamente me dando forças e não me deixando enlouquecer sozinha.

Aos meus amigos da turma do mestrado, Marcos Paulo, Suze e Rodrigo, por compartilharem valorosos momentos de aprendizagem.

Ao meu amigo Késsio, também da turma do mestrado, mas também da graduação em Letras, do Centro Acadêmico e de diversos outros espaços e momentos, que me apoiou de forma tão cuidadosa e empática nesses últimos três anos. Também não seria possível sem você.

À minha escola, EEMTI José Tristão Filho, que é meu segundo lar. Não é apenas um local de trabalho, é uma família. Vocês me receberam, compreenderam que eu tinha que sair, e me acolheram com muito carinho quando retornei quando menos esperava.

Ao grupo de pesquisa Gelt, e também ao grupo de pesquisa Prottexto. Mesmo eu não podendo estar presente nos encontros, foram primordiais na minha formação nos últimos dois anos.

Aos meus professores da graduação, que, desde as primeiras aulas, me fizeram entender que meu caminho era a Linguística, e que foram os maiores exemplos de profissionais, dentre os quais destaco aqui Professor Cássio, Professor Valdinar, Professora Kaline, Professor Fábio, Professora Izabel, e em especial, a Professora Léia Menezes, que ministrou a disciplina de Introdução à Linguística, fazendo com que eu também quisesse fazer aquilo, falar daquela maneira, e a quem depois se tornou minha orientadora na graduação. Léia foi, acima de tudo, uma grande amiga, Gratidão por tudo.

À Unilab, que nesses dez anos se tornou um dos mais importantes espaços da minha vida, da construção de quem eu sou. Nela estudei, me tornei líder estudantil e me formei, retornando para o mestrado. Acredito que no futuro retornarei novamente.

À Capes, pela bolsa concedida durante os dois anos de mestrado na Universidade.

RESUMO

Este trabalho tem por propósito realizar um breve estudo sobre a atualização da Polêmica sobre a Covid-19 no *Instagram* do Jornal *Diário do Nordeste*. Temos por objetivo geral caracterizar de que forma os elementos textuais são utilizados para mobilizarem uma orientação argumentativa na modalidade polêmica nos textos analisados. Visamos avaliar, sob aspectos referenciais e intertextuais, o funcionamento da interação polêmica, e, como objetivos específicos, pretendemos: identificar como se caracteriza a polêmica em termos de dicotomização, polarização e desqualificação do outro; analisar como os processos intertextuais participam da polêmica e quais processos são mais recorrentes nas tentativas de desqualificação do outro; analisar como o processo de referenciação (por introduções referenciais, anáforas e recategorizadores) evidencia certos posicionamentos da figura do Proponente ou do Oponente, na tentativa de mobilizar no texto a adesão do Terceiro. Assumimos como pressupostos o estudo feito por Macedo (2018), que propõe uma interface entre Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2018 [2006]) e Linguística Textual (LT), proposta por Cavalcante (2016). Valemo-nos, principalmente, da noção de modalidades argumentativas, de Amossy (2018), dentre as quais destacamos a modalidade polêmica. Refletimos sobre as características definidoras da polêmica (dicotomização, polarização e desqualificação do outro), marcadas por processos referenciais e intertextuais, já que desenvolvemos um estudo linguístico-textual. Nossa pesquisa utilizou-se dessas duas categorias de textualização tomando por base a noção de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2016 [2003]; CAVALCANTE, 2011; CAVALCANTE; MARTINS, 2020) e a classificação de processos intertextuais feita por Carvalho (2018). Para a composição de nosso corpus, selecionamos sete publicações sobre a temática da vacina da Covid 19, especificamente sobre o imunizante Coronavac, que motivou diversos debates sobre a temática nas redes sociais, e reacendeu polêmicas discursivas, tal como definidas por Amossy (2017). Os resultados confirmaram nossa hipótese básica de que os processos referenciais e intertextuais podem evidenciar a atualização da polêmica nos textos. Pelo critério de referenciação, constatamos que as introduções referenciais e as recategorizações anafóricas demonstram posicionamentos tanto contra como a favor da utilização da vacina, dentro dos textos analisados e atualizam a polêmica discursiva que no momento da publicação dos textos estava vigente: a vacinação com o imunizante coronavac. Pelo critério da intertextualidade, compreendemos que a polêmica só se efetiva através do diálogo intertextual, e que este se apresenta como um critério fundamental para uma das propriedades da polêmica: a

polarização. Concluimos que as marcas referenciais e intertextuais se evidenciam como produtivos mecanismos na defesa de pontos de vista e na atualização da polêmica.

Palavras-chaves: Modalidades argumentativas. Polêmica. Referenciação. Intertextualidade.

ABSTRACT

This work aims to carry out a brief study on the update of the Polemic about Covid-19 on the Instagram of *Jornal Diário do Nordeste*. Therefore, our general objective is to characterize how the textual elements are used to mobilize an argumentative orientation in the polemic mode in the analyzed texts. We aim to evaluate, under referential and intertextual aspects, the functioning of polemical interaction, and, as specific objectives, we intend to: identify how polemics are characterized in terms of dichotomization, polarization and disqualification of the other; analyze how intertextual processes participate in the controversy and which processes are most recurrent in attempts to disqualify the other; to analyze how the process of referencing (through referential introductions, anaphoras and recategorizers) evidences certain positions of the figure of the Proponent or the Opponent, in an attempt to mobilize the adherence of the Third in the text. We assume as assumptions the study done by Macedo (2018), which proposes an interface between Theory of Argumentation in Discourse (Amossy, 2018 [2006]) and Textual Linguistics (LT), proposed by Cavalcante (2016). We make use, mainly, of the notion of argumentative modalities, by Amossy (2018), among which we highlight the polemical modality. We reflect on the defining characteristics of the polemic (dichotomization, polarization and disqualification of the other), marked by referential and intertextual processes, since we have developed a linguistic-textual study. Our research used these two categories of textualization based on the notion of referencing (MONDADA; DUBOIS, 2016 [2003]; CAVALCANTE, 2011; CAVALCANTE; MARTINS, 2020) and the classification of intertextual processes made by Carvalho (2018). For the composition of our corpus, we selected seven publications on the theme of the Covid 19 vaccine, specifically on the immunising Coronavac, which motivated several debates on the subject on social networks, and rekindled discursive controversies, as defined by Amossy (2017). The results confirmed our basic hypothesis that referential and intertextual processes can evidence the updating of polemics in texts. Using the referencing criterion, we found that the referential introductions and the anaphoric recategorizations demonstrate positions both against and in favor of the use of the vaccine, within the texts analyzed and update the discursive polemic that was in force at the time of publication of the texts: vaccination with the immunizer coronavirus. By the criterion of intertextuality, we understand that polemics are only effective through intertextual dialogue, and that this presents itself as a fundamental criterion for one of the

properties of polemics: polarization. We conclude that the referential and intertextual marks are evidenced as productive mechanisms in the defense of points of view and in the updating of the polemic.

Keywords: Argumentative modalities. Polemic. Referencing. Intertextuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Esquema da sequência argumentativa baseado em Adam (2008)	21
Imagem 2 – João Doria (PSDB) celebrou vacina Coronavac	34
Imagem 3 – Interface entre LT e AD no estudo da referenciação	37
Imagem 4 – Interface entre LT e AD no estudo da intertextualidade e referenciação ..	38
Imagem 5 – Quadro resumitivo dos processos referenciais	44
Imagem 6 – Processos referenciais	47
Imagem 7 – Quadro resumitivo dos tipos de dêixis	47
Imagem 8 – Organograma geral da transtextualidade	53
Imagem 9 – Classificação das Intertextualidades estritas e amplas	55
Imagem 10 – Bolsonaro critica a vacina Coronavac	57
Imagem 11 – Exemplo de paráfrase	58
Imagem 12 – Charge do Amarildo	59
Imagem 13 – Post do Diário do Nordeste de 11 de junho de 2020	67
Imagem 14 – Comentários da publicação de 11 de junho de 2020	69
Imagem 15 – Post do Diário do Nordeste de 20 de julho de 2020	71
Imagem 16 – Post do Diário do Nordeste de 23 de julho de 2020	72
Imagem 17 – Post do Diário do Nordeste de 27 de julho de 2020	73
Imagem 18 – Comentários da publicação de 27 de julho de 2020	74
Imagem 19 – Post do Diário do Nordeste de 07 de setembro de 2020	77
Imagem 20 – Reportagem da BBC News Brasil sobre falas de Jair Bolsonaro	78
Imagem 21 – Reportagem do site Poder360 sobre falas de Jair Bolsonaro	79
Imagem 22 – Comentários da publicação de 07 de setembro de 2020	79
Imagem 23 – Continuação dos comentários da publicação de 07 de set. de 2020.....	81
Imagem 24 – Post do Diário do Nordeste de 21 de outubro de 2020	82
Imagem 25 – Post do Diário do Nordeste de 23 de outubro de 2020	84
Imagem 26 – Publicação no <i>twitter</i> de Bolsonaro do dia 21 de outubro de 2020	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA E SUAS PROPRIEDADES.....	21
2.1. A teoria da argumentação no discurso.....	22
2.2. As modalidades argumentativas	27
2.3. A modalidade polêmica	29
2.4. Propriedades da modalidade polêmica	33
3. ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO	36
3.1. Linguística Textual e argumentação	36
3.2. Critérios analíticos da Linguística Textual na análise da polêmica	39
3.3. Os processos referenciais	41
3.4. Os processos intertextuais	49
4. METODOLOGIA	62
4.1. Caracterização da pesquisa	62
4.2. Delimitação do universo da pesquisa	63
4.3. Procedimentos de coleta	64
4.4. Procedimentos de análise	65
5. ANÁLISE TEXTUAL DA POLÊMICA	67
5.1. Os processos referenciais como marcas de ponto de vista na polêmica	67
5.2. A intertextualidade como característica indissociável da polêmica	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

A argumentação tem por objetivo analisar, sob todos os aspectos, o funcionamento da comunicação humana como fenômeno linguageiro, discursivo, cognitivo, social e político. Diante disso, estudar esse fenômeno não é julgar ou delatar algo, ou ainda somente fornecer critérios analíticos e regras, mas sim descrever as realidades das trocas verbais nas relações sociais e intersubjetivas. Essa perspectiva de abordagem descritiva e analítica visa compreender o mundo no qual nos desenvolvemos diariamente, elucidando fenômenos que compõem as interações sociais na vida cotidiana, no discurso político, no discurso jurídico, no discurso jornalístico, nas mídias, na ficção e nas redes sociais. As redes sociais se tornaram, na atualidade, o principal espaço de trocas verbais. Com o advento da internet, as interações virtuais se tornaram palco das mais diversas manifestações da linguagem, sejam elas de consenso ou de dissenso.

Trabalhamos nesta pesquisa com a noção de polêmica, mas não como um sinônimo de brigas ou discórdias hostis, como muitas a identificam no senso comum. A polêmica na qual embasamos o nosso trabalho se baseia nos estudos empreendidos pela teórica israelense Ruth Amossy, que estuda a polêmica no espaço público, colaborando com o desenvolvimento das ciências da linguagem. Na concepção da autora, a polêmica tem um caráter democrático e efêmero, e nos dias atuais, nada revela mais isso do que as redes sociais.

Para Amossy, (2017), a polêmica é uma modalidade argumentativa, ou seja, um fenômeno discursivo, um modo de argumentar que colabora para uma sociedade democrática. A autora defende que, na aparente desordem da polêmica, é possível reconhecer um aspecto funcional que a enquadra, que a regula e que a põe a funcionar.

Para a autora israelense, as polêmicas são manifestações discursivas que se evidenciam no embate de opiniões antagônicas que circulam no espaço público. A polêmica implica um denso embate de oposições definidas por três traços que a caracterizam: a dicotomização de teses, a polarização social e a desqualificação do outro (AMOSSY, 2014).

A dicotomização se caracteriza por uma divisão que é instaurada nas forças das ideias contraditórias, e estas tentam eliminar-se mutuamente. Este aspecto evidencia o choque entre duas teses contraditórias. Os discursos opostos sempre existem nas sociedades, e essa dicotomia se atualiza na modalidade polêmica.

A polarização pode ser definida como um “processo através do qual um público extremamente diversificado se funde em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutuamente excludentes, que partilham uma grande solidariedade relativamente aos valores que o argumentador considera como fundamentais” (KING; FLOYD, 1971, p. 244; tradução da autora). Este aspecto faz com que sujeitos, mesmo tendo diferenças dentro do grupo no qual estão inseridos, se aliem a um “lado A” ou a um “lado B”, conforme as teses defendidas.

É importante ressaltar que a dicotomização se apresenta na abstração do espaço discursivo, pois as teses opostas manifestam discursos que se contradizem, ao passo que a polarização se estabelece como um fenômeno social, decorrente de uma situação concreta, pois é na interação que os dois lados opostos se estabelecem.

A desqualificação do outro, terceira propriedade, diz respeito a tentativas do locutor de desacreditar o adversário e os argumentos que ele usa, chegando, às vezes, ao ataque pessoal. Este também é, assim como a polarização, um traço interacional, pois, para defender seu ponto de vista, o Proponente ataca a tese adversária, e, na maioria das vezes, o próprio Oponente.

Sendo a polêmica uma modalidade argumentativa baseada no dissenso, no qual locutor e interlocutor não buscam um caminho de consenso, apresenta-se nesta perspectiva uma cena teatral, figurada por três papéis importantes: o Proponente, o Oponente e o Terceiro. O Proponente é a figura que defende uma tese, enquanto o Oponente é aquele que não concorda com a tese defendida, colocando-se em confronto com o ponto de vista de seu opositor. Por fim, temos a figura do Terceiro, que é aquele que assiste ao debate entre Proponente e Oponente, não tomando uma posição diante das teses defendidas, porque não tem direito a fala. Em sua condição de espectador, o Terceiro não toma a voz. Para Amossy, este aparece como um papel social caracterizado pela indefinição, porque Proponentes e Oponentes não sabem a que lado eles vão aderir.

Motivados pelos atuais estudos empreendidos na Linguística Textual, baseamos nosso trabalho numa perspectiva de interface entre a Teoria da Argumentação do Discurso e pressupostos analíticos da Linguística Textual, pois entendemos que é na relação entre os textos que podemos compreender os embates no discurso polêmico. Através dessa análise discursivo-textual, poderemos empreender aspectos argumentativos nos textos, como propõe Cavalcante (2016). Esta pesquisa é especialmente motivada pelas reflexões empreendidas no Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT/UNILAB), em consonância com pesquisas realizadas pelo Grupo Prottexto (UFC). Compreendemos as discussões realizadas nesses grupos como

importantes contribuições teóricas para os novos pesquisadores e suas pesquisas. Diante disso, são alguns trabalhos empreendidos pelo Grupo Protexto nos últimos anos que, juntamente como a proposta de Amossy, serão base teórica de nosso projeto de pesquisa.

Enquanto disciplina teórico-metodológica, a Linguística Textual não tem a argumentação como um objeto de estudo, mas a introduz, segundo Cavalcante (2016, p. 107), como “um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual”. Algumas pesquisas realizadas no campo da LT procuraram, de alguma forma, evidenciar uma relação existente entre os fenômenos textuais e a orientação argumentativa dos textos. Primeiramente, destacamos o trabalho que motivou nosso objetivo de analisar a argumentação polêmica e as marcas textuais que nela se encontram: a tese de Macedo (2018). Nela, a autora demonstra a operacionalização de uma interface entre a Linguística Textual e a Teoria da Argumentação no Discurso, de Amossy, de modo a analisar a argumentação retórico-discursiva em textos por meio de parâmetros de textualização.

No que tange às pesquisas que se detiveram no fenômeno da referenciação, especificamente no critério de recategorização, destacamos o estudo de Matos (2005), que se debruçou sobre as funções discursivas das recategorizações; e o trabalho empreendido por Ciulla (2008) e Ciulla e Matos (2016), que investigam de que maneira a recategorização contribui para a argumentação. A pesquisa empreendida por Silva (2013) também nos é importante para reflexão e análise, pois este buscou investigar as funções das introduções referenciais e concluiu que uma dessas funções era a de “orientar o ponto de vista desde o título ao longo do texto”. Com isso, tomamos por base a noção de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2016 [2003]; CAVALCANTE, 2011), porque compreendemos que os processos referenciais, de um modo geral, revelam orientações argumentativas de seus locutores, e com isso, podemos supor tanto o modo como o referente introduzido no texto bem como suas retomadas anafóricas (recategorizações) evidenciam alguns arranjos do locutor para as atualizações da polêmica no discurso. Concordamos com a premissa de que todo texto comporta uma dimensão argumentativa. Com isso, analisamos como a referenciação e seus processos referenciais, sob perspectiva da Linguística Textual, baseadas na síntese dos processos referenciais propostos por Cavalcante e Martins (2020), e como esses processos funcionam como estratégias argumentativas que evidenciam posicionamentos dentro dos textos analisados e atualizam a polêmica discursiva.

No âmbito dos processos de intertextualidade, destacamos a pesquisa de Carvalho (2018), que evidenciou que todas as intertextualidades servem a finalidades diversas, mas têm sempre valor argumentativo. A autora apresenta uma redefinição às intertextualidades, considerando-as como o diálogo entre textos específicos, ou entre partes deles; e entre parâmetros de gêneros ou estilos de autores, observáveis a partir da análise de um conjunto de textos. Para tanto, analisamos os processos intertextuais, observando como se apresentam como estratégias de persuasão dos locutores, sejam elas estritas ou amplas. Os fenômenos de copresença (alusões, citações e paráfrase), bem como as alusões amplas, são estratégias argumentativas nas elaborações de publicações em espaços como o *Instagram*, bem como em comentários nessa rede social.

Nossa pesquisa se baseia também na abordagem da argumentação no discurso de Amossy (2018) e na articulação entre as disciplinas de Análise do Discurso e Linguística Textual proposta por Macedo (2018), buscando discutir que parâmetros do programa analítico da Linguística Textual podem contribuir para os estudos da argumentação no discurso, especificamente, para os estudos da polêmica. Diante disso, partimos das seguintes hipóteses: a) a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro dentro da modalidade argumentativa polêmica podem ser evidenciadas através das marcas de textualidade; b) os processos de referenciação (introduções referenciais e anáforas recategorizadoras) alinham certos posicionamentos da figura do Proponente ou do Oponente na tentativa de mobilizar no texto a adesão do Terceiro e c) as intertextualidades participam da instauração da polêmica, principalmente através dos processos de alusão e citação.

Em uma sociedade de variados modos de interação, um contexto de pandemia faz com que seja necessária a prática do distanciamento social, e essas interações se tornaram cada vez mais frequentes através das redes sociais. Como em qualquer local de interação, os indivíduos estão continuamente representando comportamentos, conhecimentos e dizeres para identificar-se e afirmar-se em sociedade. Cortez (2011) afirma que “nessa trama dialógica de representação e afirmação de si, o discurso é constituído de diferentes vozes que sinalizam diferentes pontos de vista”. Sendo assim, entendemos que o ponto de vista compreende os fenômenos de representação linguística de falas, de pensamentos e de percepções, ou seja, tem relação íntima com os processos referenciais.

Diante disso, não basta apenas compreender o ponto de vista como uma espécie de opinião, mas entendê-lo como representação de si e do discurso, que acarreta reconstrução do sentido. Portanto, em contexto de análises de interações polêmicas em redes sociais, nas quais as temáticas que causam grande engajamento dos internautas são bastante

debatidas em publicações e em comentários, faz-se importante levar em consideração a construção dos pontos de vista acerca da temática abordada, mostrando, por critérios analíticos da LT, como a polêmica se atualiza.

Dado o advento das diferentes tecnologias de informação e comunicação que possibilitou às pessoas novas formas de relacionar-se socialmente, as interações nas redes sociais se tornaram um campo profícuo de análise textual e discursiva. Toda ação humana de navegação pela internet envolve o uso da linguagem e é considerada como um espaço de práticas sociais. Em redes sociais, os locutores se organizam a partir de valores compartilhados socialmente. Os indivíduos se inserem nos grupos pelos interesses em comum e pelo posicionamento político-ideológico que mais os identifiquem. É nesse espaço de troca de mensagens, reação a posts, de compartilhamentos, que se dá certa liberdade de se manifestar, e com isso, ocorre a dissensão de opiniões sobre questões polêmicas que colaboram para a instauração da polêmica pública.

Muniz-Lima (2022), em sua tese, propõe que a interação constitui um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que ocorre de maneiras distintas em função de um conjunto de aspectos linguageiros. A autora contribui com relevantes questionamentos sobre como a construção da coerência deve considerar aspectos interacionais, o que pode se refletir na investigação de diversos critérios de análise textual, como a relação entre gêneros, a referenciação e a intertextualidade. Essa noção de interação dialoga com a noção de texto empreendida por Cavalcante et al. (2019), que admite o texto como um evento comunicativo, que possui fronteiras (por vezes difíceis de serem identificadas, tendo em vista o tipo de interação envolvida), que definem estágios de início, meio e fim dessa unidade de sentido em contexto. Com isso, a noção de interação proposta por Muniz-Lima, bem como a noção de texto defendida por Cavalcante et al., são importantes para as reflexões empreendidas em nosso trabalho, que visa analisar o funcionamento da interação polêmica.

O desenvolvimento de nosso trabalho se deu paralelamente ao período da pandemia da Covid-19, que no Brasil eclodiu no primeiro semestre de 2020. Com essa nova realidade pandêmica, na qual as interações se tornaram cada vez mais intensas pelo meio virtual, realizamos a escolha do nosso corpus, que é composto por publicações e comentários sobre a vacina Coronavac, produzida pela farmacêutica chinesa Sinovac, em parceria com o Instituto Butantan (Brasil). Tais postagens foram coletadas da página do *Instagram* do jornal *Diário do Nordeste*. Nessas publicações, internautas discutem e argumentam sobre a temática abordada: a pandemia do novo coronavírus. Quase três anos

depois do início da Pandemia já referida, ainda se faz importante refletir sobre as trocas verbais realizadas sobre esta temática, pois só aqui no Brasil foram quase 700 mil mortos pela Covid-19. Discursos que envolvem a negação da doença, assim como discursos contrários à vacinação foram bastantes difundidos na sociedade brasileira nesses últimos dois anos.

Em meio ao crescente distanciamento das pessoas, devido aos protocolos de segurança sanitários, mas também por questões de diferenças de opiniões políticas e discussões cada vez mais acaloradas, a utilização das redes sociais ganhou um papel fundamental na sociedade atual. As discussões de diversas temáticas, principalmente políticas, ganharam cada vez mais importância, impactando nas eleições, nas relações de trabalho e até mesmo nas relações familiares, no Brasil e no mundo.

Com essa nova realidade pandêmica, podemos perceber um crescente negacionismo científico, e críticas aos cientistas e às universidades. Encontramos, em publicações que tratam da temática da covid-19, embates fortes entre pessoas que defendem a ciência e pessoas contrárias a ela. O contexto que envolve essas discussões é um quadro de crise sanitária grave no Brasil, que se pode caracterizar como de um grande descontrole da pandemia da covid-19, com milhares de mortes.

Nossa escolha por um exemplário com publicações que têm por temática a vacina Coronavac contra a Covid-19 no perfil do *Instagram* do jornal *Diário do Nordeste* se dá por percebermos como se estabelece a interação sobre esse tema que se tornou tão polêmico nas redes sociais, bem como também fora dela. Com esse cenário, fazem-se necessárias pesquisas científicas que abarquem essa nova realidade, esses novos meios de interações, e assim, fenômenos textuais e discursivos em que podemos encontrar a polêmica.

Desse modo, nossa pesquisa visa contribuir para caracterizar a forma como os elementos textuais são utilizados para mobilizar uma orientação argumentativa, evidenciando como critérios de textualidade, como processos referenciais e processos intertextuais, agem como estratégias de manutenção na modalidade argumentativa polêmica nos textos analisados. Para tal propósito, nos organizamos da seguinte maneira.

No segundo capítulo, discutimos sobre a modalidade argumentativa polêmica e suas propriedades. Iniciamos com a discussão sobre a Teoria da Argumentação no Discurso proposta por Amossy (2018), seguindo com a explanação sobre as modalidades argumentativas propostas por Amossy (2008), dando o enfoque à modalidade argumentativa polêmica e a suas propriedades.

No terceiro capítulo, tratamos da análise textual da argumentação destacando a tese de Macedo (2018), que propõe uma interface entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de Amossy, analisando a inscrição da argumentatividade discursiva em textos e apresentando a possibilidade de se evidenciar a argumentação por categorias de textualidade. Seguimos com os critérios analíticos da Linguística Textual na análise da polêmica, que é aprofundada nos subtópicos que finalizam o capítulo, que apresenta a abordagem dos processos referenciais e intertextuais.

No ponto 3.3, tratamos dos processos referenciais e seus conceitos com o objetivo de compreender como a referenciação contribui para comprovar a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro nos textos de temáticas polêmicas. No ponto 3.4, mostraremos como os processos intertextuais são convocados na polarização e na desqualificação do outro, reiterando o pressuposto defendido pela Linguística Textual em relação à polêmica, segundo o qual é através das relações entre textos que esta modalidade argumentativa se atualiza.

No quarto capítulo, destacamos a metodologia adotada em nossa pesquisa. Mostramos os passos metodológicos, descrição da pesquisa, procedimentos etc.

No quinto capítulo, intitulado “Uma análise textual da polêmica”, empreendemos uma análise das marcas textuais mobilizadas para a atualização da polêmica sobre a Covid-19 em publicações no Instagram do Jornal Diário do Nordeste, levando em consideração todos os pressupostos teóricos abordados com o intuito de comprovarmos que os elementos textuais, em destaque os processos referenciais e intertextuais, são produtivos mecanismos na defesa de pontos de vista e na atualização da polêmica.

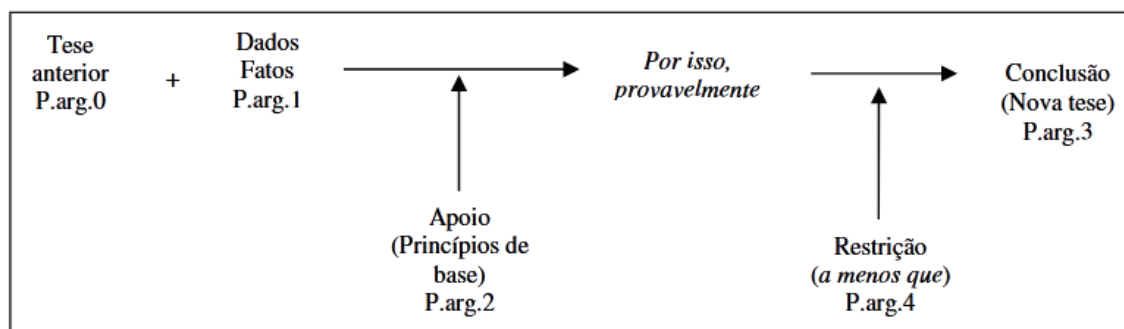
2. A MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA E SUAS PROPRIEDADES

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social. Disso surge um problema importante: o estudo do elo entre a interação concreta e a situação extraverbal mais próxima e, por meio desta, a situação mais ampla. As formas desse elo são diversas e cada uma delas condiciona as diferentes significações que as situações adquirem em momentos variados (por exemplo, esses elos variam em conformidade com cada um dos momentos das situações da comunicação artística ou científica). A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta. (VOLÓCHINOV, 2017, p.219-220).

Uma proposição-enunciado está associada a um valor enunciativo que leva a certa interpretação. A responsabilidade enunciativa que caracteriza esta dimensão corresponde ao ponto de vista (PdV) a partir do qual damos conta das possíveis interpretações. A fim de tratarmos o texto como conjunto de ações advindas dos processamentos discursivos e estruturantes, transitamos, agora, por uma camada de natureza organizacional: a unidade chamada sequência textual.

Quando Adam (p. 192, 2008) demonstra o processo argumentativo, ele retoma o modelo de Toulmin (2006) e acrescenta um lugar para a contra-argumentação. Tanto o modelo original quanto a complementação de Adam representam uma célula argumentativa, a saber:

Imagem 1 - Esquema da sequência argumentativa baseado em Adam (2008)



Fonte: Adam (2008, p. 234)

Em termos de ação argumentativa, o que se visa é intervir nas opiniões, atitudes ou comportamentos do interlocutor ou auditório (ADAM, 1992). O esquema prototípico desta ação prevê uma combinação formada na relação dado-conclusão, evidenciando um processo em dois movimentos: demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa.

Dedicamos esses primeiros parágrafos ao resumo do trabalho sobre sequência argumentativa empreendida por Adam para definir qual perspectiva de argumentação direciona esta pesquisa. Muitos trabalhos sobre argumentação foram empreendidos em LT utilizando a noção de sequência argumentativa acima mencionada. Estes trabalhos serviram para fundamentar o ensino básico regular das sequências textuais e dos gêneros, em especial depois da publicação da primeira edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação básica (BRASIL, 1997), a qual propõe a seleção de gêneros textuais orais e escritos como objetos de ensino de língua portuguesa.

Contudo, os mais recentes estudos de LT em uma abordagem argumentativa filiam-se a uma nova retórica da argumentação nos discursos. A base se dá pelos estudos da Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, que propõe uma análise dos discursos que visa ao consenso e ao dissenso. Para a LT, segundo Cavalcante et al (2020, p. 14), esta abordagem “talvez seja a que mais se aproxime dos pressupostos argumentativos que justificam nossos interesses simultaneamente descritivos e interpretativos”.

Diante disto, discurremos a seguir sobre a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), e como ela se faz importante na análise por nós empreendida.

2.1. A teoria da argumentação no discurso

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970, p. 5) definem a argumentação como “as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento”. Essa definição reforça o caráter social e comunicacional de todo processo persuasivo. Entretanto, essa noção de argumentatividade se limita ao campo do consenso, não pensando que a argumentação também se encontra nos espaços de oposições de ideias.

Dada essa nova perspectiva de uma argumentação para o consenso e para o dissenso, Ruth Amossy, na primeira edição de sua obra *L'argumentation dans le discours*

(2000), apresenta uma nova perspectiva de análise articulando a ela pressupostos retóricos tanto da retórica clássica, de Aristóteles, como da nova, de Perelman e Tyché. Amossy assume a tese de que é necessário à análise do discurso incorporar a argumentação retórica como algo constitutivo.

Como afirmam Cavalcante et al (2022), “todos os textos são argumentativos”, ou seja, a argumentação não se dá apenas nos textos de sequência argumentativa dominante. Muitos trabalhos, que têm por base a proposta de Ruth Amossy, comprovam que podemos encontrar a argumentação em todos os textos, pois todos os enunciados carregam em si diferentes pontos de vista de seu enunciador. Com isso, “a argumentatividade não é flagrada somente pela forma composicional de um texto, pois as evidências de que há pontos de vista que ‘conversam’ podem se expressar por diferentes marcações” (CAVALCANTE et al, 2022, p. 97).

Diante disso, a LT reivindica que todo texto é argumentativo, e reconhece essa premissa a partir de que:

- em todo enunciado, há **pontos de vista** relacionáveis e diferentes enunciadores;
 - tais pontos de vista são gerenciados por um locutor/enunciador principal, que escolhe, **intencionalmente**, como expressar e marcar a voz dos enunciadores, ao **tentar influenciar** o interlocutor e, às vezes, o terceiro;
 - essas tentativas de influência são **estratégias**, na medida em que fazem parte do projeto de dizer do locutor, que supõe (porque necessita supor) ter controle sobre suas escolhas;
 - algumas formas de textualização, como a **sequência textual argumentativa**, explicitam o ponto de vista central que será defendido com base em um esquema de raciocínio; esse ponto de vista aparecerá, nesta situação, como a opinião central de um enunciador;
 - outras formas de sequência textual (a narrativa, a explicativa, a descritiva e a dialogal), ainda que não cumpram uma macrofunção de demonstrar argumentos em prol de uma opinião central, não deixam de supor uma **orientação argumentativa**, na medida em que também ajudarão o locutor/enunciador a gerenciar pontos de vista.
- (CAVALCANTE; BRITO et al, 2022, p. 98, grifo dos autores).

Tal concepção parte da distinção proposta por Amossy de que existem textos de *visada* e de *dimensão argumentativa*. Os textos de *visada argumentativa* apresentam um esquema traçado de persuasão, “sustentada por uma intenção consistente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (AMOSSY, 2018, p. 44). Já os textos de *dimensão argumentativa* são inerentes a muitos discursos, é muito mais abrangente, pois

“requer tão somente que um ponto de vista se manifeste sob o fundo de posições antagônicas ou divergentes, que não precisam ser expressamente formuladas, porque toda enunciação pressupõe, como já o dissemos, a existência de um já dito ao qual ela responde” (MACEDO, 2018, p. 44).

A representação do que pensamos e fazemos é concretizada mediante os inúmeros posicionamentos que nos constituem e nos moldam como seres sociais. Considerando a diversidade de situações na qual estamos inseridos e o universo das nossas relações interpessoais regidas por processos dialógicos entre sujeitos, a argumentação apresenta um caráter utilitário. Diante de tal perspectiva, Amossy mostra que a argumentatividade está presente em todos os discursos, e com essa distinção dada entre visada e dimensão argumentativa, Cavalcante (2016) defende que a argumentação está presente em todos os textos, devido a todos os enunciados terem uma orientação argumentativa. Gêneros como notícia, currículo, propaganda, podem apresentar uma argumentação, mas não tem um propósito de defender uma opinião central, uma tese.

Amossy (2018) reivindica a necessidade de a análise do discurso integrar plenamente ao seu dispositivo teórico-metodológico a argumentação como elemento constitutivo do discurso. Segundo a autora, não se pode dissociar a análise dos argumentos ou mesmo da organização verbal de um raciocínio lógico do conjunto dos discursos que a constroem. A cada esquema abstrato de organização interna da argumentação, pode ser conferido um sentido e uma força ilocucionária específica num texto único e irrepetível. Evidentemente, não se trata apenas de uma mera sobreposição de categorias teóricas, mas de uma complementaridade entre essas áreas que supõem uma estreita ligação entre linguagem e retórica num espaço de reflexão mais amplo.

Quando é uma questão de argumentação e de linguagem, a análise do discurso muda as perspectivas e inverte as hierarquias – ainda que ela queira considerar bastante o componente argumentativo. Com efeito, não se trata, para ela, de explorar as dimensões linguísticas da argumentação para expandir a teoria. Trata-se, em vez disso, de observar como a análise pode integrar o componente argumentativo para esclarecer o funcionamento do discurso em situação do modo mais exaustivo possível. Com efeito, o objeto de investigação é agora a linguagem, e a linguagem em situação, em seus componentes sociodiscursivos, e as numerosas funções possíveis que ela pode desempenhar no espaço social.

Macedo e Cavalcante (2019, p. 307) reiteram que

[...] a nova retórica preocupa-se com o estudo das ligações operadas por um raciocínio subjacentes à argumentação, tratando de abstraí-los das realizações languageiras concretas. A análise retórica, portanto, não se ocupa dos funcionamentos languageiros propriamente ditos; essa deve ser uma preocupação, de acordo com Amossy (2011, 2018 [2016]), dos estudos sobre argumentação realizados no âmbito das ciências da linguagem. (MACEDO; CAVALCANTE, p. 307, 2019).

Contudo, os trabalhos empreendidos pela LT que a distinção de visada e dimensão argumentativa se dá apenas no discurso. [tirar esta frase equivocada mal redigida] Para Cavalcante, Pinto e Brito (2018, p. 10), a distinção entre dimensão e visada está baseada na “organização composicional de um texto, pela qual se pode verificar se há uma estrutura sequencial dominante”. Segundo as autoras, os textos considerados de visada argumentativa são aqueles que têm a sequência argumentativa dominante, pois são acionadas estratégias argumentativas textuais na composição do texto, com o objetivo de se formular uma tese. Em outros textos, que não apresentam uma tese, há a dimensão argumentativa, ideia que comunga com o pressuposto de que todo texto é elaborado para cumprir um propósito comunicativo.

Amossy apresenta como diferencial metodológico, entre as teorias retóricas e sua abordagem discursiva, o fato de considerar a racionalidade implicada nos discursos, ou dos argumentos neles presentes, de forma situada. Tal visão vai ao encontro da noção de texto defendido pela LT, que é algo construído na interação, é único, que sofre interferências do meio social e discursivo e que, dentro de determinado meio, passa por processos de escolhas estratégicas do locutor, prevendo seus interlocutores. Com isso, o texto é definido como um evento singular.

Amossy (2018), logo no início de sua obra *Argumentação no Discurso*, destaca que os estudiosos antigos compreendiam a retórica como “uma teoria da fala eficaz e também uma aprendizagem ao longo da qual os homens da cidade iniciavam-se na arte de persuadir” (p.7), contudo, a autora aponta a análise argumentativa como parte da análise do discurso, estabelecendo que todo ato de dizer apresenta um teor argumentativo, mesmo que de maneira não explícita.

Outro ponto muito importante salientado pela autora é a adaptação ao auditório. Para Amossy (2018, p. 55), “o auditório é sempre uma construção do orador”. Tal afirmação confirma a importância de o locutor conceber uma imagem de seu público, porque fará as escolhas discursivas que acredita serem apropriadas, para atingir seu objetivo comunicativo.

A autora explica que na retórica aristotélica houve um grande empenho no poder de utilização da palavra por parte do locutor, buscando meios para persuadir o interlocutor

acerca de qualquer questão tratada. Para Aristóteles (2012), todas as pessoas usam a fala para questionar ou sustentar um argumento, defender-se ou acusar, com o intuito de se chegar a um consenso ou a um acordo sobre as questões dadas.

Perelman e Tyteca, em sua obra o Tratado de Argumentação, recuperam e ampliam significativamente os estudos clássicos, dividindo a nova retórica em três partes: os âmbitos da argumentação, o ponto de partida da argumentação e as técnicas argumentativas. Os autores colocam como constitutiva a relação entre o orador e seu auditório, sendo o objetivo da argumentação a adesão do público ao qual se dirige.

Baseada nesses pressupostos, mas buscando adaptar o auditório a sua perspectiva de argumentação pelo viés discursivo, Amossy (2018) reconfigura a teoria de Perelman e Tyteca, comungando com a ideia de que a relação entre orador e auditório é constitutiva, portanto, é construída na interação. O auditório, o público ao qual está sendo direcionado o discurso, é fundamental para a realização da troca argumentativa, se se partir do pressuposto de que o conhecimento ou desconhecimento sobre o assunto pelo interlocutor garante êxito, ou não, do propósito comunicativo.

A autora apresenta também outro elemento importante na adaptação do auditório, a *doxa*, ou opinião comum. Amossy (2018, p. 54) destaca “a necessidade de se adaptar ao auditório (a expressão é de Perelman) ou a importância concedida às opiniões do outro é uma condição *sine qua non* de eficácia discursiva”. Com isso, a autora evidencia a existência de um projeto de dizer do locutor, que sempre tem uma motivação. Assim, já tendo concebida uma ideia sobre a quem direciona o seu falar, o locutor faz as escolhas necessárias para o seu objetivo na comunicação.

A *doxa*, ou opinião comum, é o ponto de vista compartilhado por determinada sociedade, concebida em um dado contexto histórico e social. Como afirma Amossy (2018, p. 54), “adaptar-se ao auditório, é, antes de mais nada, levar em conta a sua *doxa*”. Tal elemento é revelador de fatos, crenças e costumes sociais, e é indispensável para a argumentação no discurso.

Mesmo quando a comunicação não é instantânea, é ideal que se tenha a ideia do público para o qual se dirigirá o discurso, pois, como afirma a autora, “o discurso argumentativo é sempre dialógico, não necessariamente dialogal” (AMOSSY, p. 53), portanto, sempre é direcionado a um público, que pode ser presencial ou virtual.

Amossy expõe as mais diversas possibilidades de auditório, desde o auditório face a face ao auditório “virtual”, nomenclatura dada pela autora, cruzando pelo que ela chama de auditório “homogêneo, no qual o público compartilha valores, e o auditório “compósito”, formado por grupos divergentes, antagônicos.

Amossy (2011), estabelece a existência de um *continuum* de argumentatividade, que

vai desde interações que empregam o modo de reconhecimento persuasivo de argumentar, nos textos de visada argumentativa, até interações que apenas expressam um modo particular de ver as coisas, nos textos com apenas uma certa dimensão argumentativa. (CAVALCANTE; BRITO *et al.* 2022, p. 114)

Diante disso, com base nos pressupostos da TAD, Cavalcante e Brito *et al.* (2022) afirmam que “argumentar é um meio de agir sobre o outro”, com o objetivo de fazer o outro aderir ao seu ponto de vista em relação a uma questão vigente na sociedade.

Na busca de descrever a argumentatividade como esse contínuo que apresenta diversas formas de interagir, visando influenciar o outro, Amossy (2008) propõe modelos de trocas verbais que estabelecem como argumentar, aos quais chama de modalidades argumentativas.

2.2. As modalidades argumentativas

A atenção dada ao modo como a instância de recepção se inscreve no discurso, isto é, às modalidades por meio das quais o locutor projeta a imagem daquele a quem ele se dirige, mostra-se extremamente preciosa à análise argumentativa. Além disso, os procedimentos do linguista contribuem para identificar as estratégias desenvolvidas pelo discurso de visada ou de dimensão argumentativa, quando ele tenta alcançar a adesão de um público homogêneo (favorável ou hostil) ou de um auditório compósito (variado ou dividido) (AMOSSY, 2000, p. 33-58).

Amossy (2008) elabora as modalidades argumentativas operacionalizando sua proposta de estudar o funcionamento discursivo da argumentação. A autora inicia seu texto afirmando que “considerar que a argumentação é parte integrante do discurso não é algo sem consequências. É postular que a análise do discurso (AD) deve buscar meios de estudá-la” (AMOSSY, 2008, p. 231), com isso, elabora a noção de “modalidade argumentativa” associada ao “registro discursivo”.

A Análise Argumentativa do Discurso busca investigar as mais variadas formas de manifestações discursivas, com foco nas argumentativas, mas diferentemente da nova retórica, não busca apenas analisar esquemas que levam a um raciocínio abstrato.

Amossy (2008) defende que as trocas verbais de visada argumentativa são próprias do discurso, e que estas só procedem mediante a estrutura de troca global de onde surge o ato de convencimento. Essa estrutura relaciona-se aos tipos de troca argumentativa, que modelam a forma de como a argumentação age na interação, através dos gêneros discursivos. As diversas possibilidades de ocorrências são proporcionadas através das modalidades argumentativas. Amossy (2008) sugere as modalidades argumentativas e em que estas consistem.

Para contextualizar melhor seu trabalho, a autora explica que sua teoria de argumentação no discurso (AMOSSY, 2006 [2000]) funda-se na definição de Benveniste, segundo a qual o discurso consiste em “toda enunciação que supõe um locutor e um ouvinte, e no primeiro a intenção de influenciar o outro de alguma maneira” (BENVENISTE, 1974, p. 241-242). Utilizando também o dispositivo da enunciação e a importância do *ethos*, do *pathos* e do *logos* nos esquemas composicionais argumentativos discursivos, Amossy elaborou as modalidades argumentativas.

Tendo em vista o auditório para o qual irá direcionar o seu discurso e uma estrutura de troca global na qual se realiza o ato de persuasão, a autora defende que “cada discurso comporta sua própria situação de enunciação” (AMOSSY, 2008, p. 232). Tais fatores são fundamentais para caracterizar cada uma das modalidades argumentativas.

Diante disso, Amossy (2008, p. 232), evidencia que as modalidades argumentativas são uma “troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico”. Isto posto, a autora denomina as modalidades como demonstrativa, patêmica, pedagógica, de coconstrução, negociada e polêmica.

A modalidade demonstrativa consiste em teses apresentadas por um locutor destinado a um público, por meio da demonstração racional; em outras palavras, do raciocínio articulado apoiado em provas. São exemplos dessa modalidade o discurso parlamentar, o artigo científico, o debate de ideias, a redação do Enem dentre outros.

A modalidade patêmica coloca o orador na dualidade da razão *versus* a paixão. Uma tese é apresentada ao interlocutor com o intuito de “tocá-lo”. Nesta modalidade, o locutor utiliza-se de estratégias que envolvam emoções, para que haja a adesão da proposição em questão. Nesse jogo com o emocional, busca orientar os modos de ver do interlocutor, objetivando um envolvimento sentimental. Exemplos dessa modalidade são o discurso lírico, o apelo à ajuda humanitária, as defesas perante os jurados etc.

A modalidade pedagógica refere-se a uma instância de locução superior que transmite saberes a um auditório que ocupa o lugar de aprendiz. Exemplos dessa modalidade são manuais escolares, a literatura infantil e outros gêneros discursivos.

A modalidade de co-construção são interações concretas ao longo das quais os participantes estabelecem juntos recursos para um problema levantado em conjunto. São exemplos dessa modalidade a reunião profissional, a conversa familiar dentre outros.

Na modalidade negociada, mesmo que as opiniões dos participantes da interação sejam contrárias e às vezes conflituosas, eles se esforçam para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e de chegar a um consenso através do compromisso. Exemplos da modalidade negociada são as trocas diplomáticas orais e escritas e as negociações comerciais.

A modalidade polêmica¹, que nos interessa em nossa análise, representa o embate de pontos de vista aparentemente incompatíveis, uma vez que a relação antagônica contém participantes que tentam agir sobre o outro a partir das suas convicções, o que ocasiona, por vezes, a violência verbal. Exemplos de gêneros que privilegiam essa modalidade são os debates midiáticos, a controvérsia filosófica e outros.

Podemos constatar, diante da explicação das modalidades argumentativas propostas por Amossy (2008), que estas são modelos de trocas verbais que ora mantêm entre si uma correlação, ora se distanciam vigorosamente. No caso da modalidade polêmica, existe um ponto principal que a diferencia das outras modalidades: o dissenso de opiniões dos respectivos actantes (agentes sociais que assumem papéis sociais na comunidade) da interação. Este dissenso, para Amossy (2017), tem relação com discordância de ideias, “o conflito de opiniões que predomina no espaço democrático contemporâneo, o qual respeita a diversidade e a liberdade de pensamento e de expressão” (p. 13).

2.3. A modalidade polêmica

Retomando outros autores, a exemplo de Mouffe (2003) e sua concepção do paradoxo democrático, Amossy demonstra que a pluralidade de opiniões não ameaça a democracia; ao contrário, é uma de suas condições de existência, sendo, por sua vez, a imposição de uma opinião única relacionada a uma ordem autoritária. A autora centra sua

¹ Interessa-nos o foco na modalidade argumentativa polêmica pelo fato de existirem vários estudos avançados sobre ela, exemplo é a obra *Apologia da Polêmica*, de Ruth Amossy, de 2017. Sua circulação abundante nas sociedades e seu impacto na constituição da opinião pública também nos impulsionam a pesquisar mais sobre sua constituição.

proposição na ideia de “fazer justiça à retórica do dissenso, isto é, a uma gestão do conflito de opinião sob o modo de dissidência, e não de uma busca de acordo” (p. 41).

Amossy (2008, p. 237) explica que, “em uma confrontação violenta entre teses antagônicas, duas instâncias em total desacordo tentam obter a convicção do outro, ou do terceiro que os escuta, atacando as teses adversárias e desacreditando o opositor”. Dessa forma, discussões sobre temas que dividem opiniões, como figuras políticas, legalização do aborto, porte de arma, maioridade penal, e o tema que analisaremos em nossa pesquisa, a vacina da Covid-19, são temas, nos quais encontramos a modalidade argumentativa polêmica.

Compreendida no âmbito proposto pela autora, a polêmica é “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura” (AMOSSY, 2017, p. 49).

Para além de uma proposta de tratamento da polêmica, Amossy (2017) faz, como anuncia no título de seu livro *a apologia da polêmica*, uma vez que considera que, em se desejando manter o pluralismo em uma sociedade dividida, a polêmica pública proporcionaria uma forma de lutar por uma causa sem que isso resultasse “em manifestações sociais e em violência fratricida” (AMOSSY, 2017, p. 216).

Denomina-se polêmica um fenômeno da ordem do discurso que se evidencia através da interação verbal em que predomina o dissenso, ou seja, uma tensão, um conflito de teses que são antagônicas entre si. Amossy (2017) apresenta três traços que definem a polêmica como um modo de argumentar, que são: a dicotomia de teses, a polarização social ou divisão social e, sobretudo, a desqualificação do outro.

Entende-se por dicotomização o conflito de teses, em que um lado tenta combater o outro na relação persuasiva; já a polarização tem relação com a identidade, que faz o interlocutor defender suas ideias. Nesse sentido, a polarização é marcada tanto de um lado como do outro, mas de modo que esses lados deem vida a elas no âmbito discursivo, sob o plano de uma estrutura actancial.

Na visão de outros autores, a dicotomização tem um efeito sociodiscursivo. Ela produz uma polarização – não como operação quase-lógica, mas como agrupamento em dois campos antagonistas que desenvolvem uma hostilidade mútua.

A polarização coloca um “nós” diante de um “eles”, e tem sido bem estudada pela retórica dos movimentos sociais (ORKIBI, 2008). Assim, King & Anderson (1971, p. 244) a definem como “um processo através do qual um público extremamente diversificado se separa em dois [...] grupos fortemente contrastados e mutuamente excludentes, compartilhando uma grande solidariedade para com [certos] valores”

considerados fundamentais. Ou seja, a polarização tem implicações indenitárias. Trata-se de se aliar a um grupo constitutivo de uma identidade, ou suscetível de reforçá-la. Destacam Cavalcante et al. (2020), que a polarização social é “a característica que mais peculiariza a proposta de Amossy, porque atesta que analisar a modalidade argumentativa requer que se considere a interação, os gêneros e os textos em que ela acontece” (p. 50).

De todo modo, é conveniente voltar ao início desse percurso, considerando-se o fato de que o polêmico, longe de situar-se fora do domínio da argumentação, faz intimamente parte dele. Pode-se dizer que a argumentação é um continuum, em cujo centro se encontra o debate racional de duas teses divergentes, e que, em suas duas extremidades, tem-se: de um lado, o discurso que não menciona a opção que está atacando, para se concentrar naquela que quer valorizar, e do outro lado, o choque das posições antagonistas.

Por fim, o último traço definidor da polêmica estabelecido por Amossy (2017) é a desqualificação do outro. Tal critério diz respeito aos ataques mútuos que se direcionam aos participantes da interação. Segundo Cavalcante et al. (2022, p. 51), “essa característica está relacionada à forma como os actantes agem discursivamente para depreciar o outro, de maneira a arrebanhar adeptos.”

Vale ressaltar, que esses ataques ocorrem nos níveis do *logos* e do *ethos*. Respectivamente, nessa “arena”, o proponente (aquele que propõem sua tese) ataca o dizer do seu oponente (aquele que se opõe ao proponente e defende a tese oposta) atribuindo ao discurso dele o seu descrédito. O ataque, nesse sentido, direciona-se também à imagem daquele que se opõe ao proponente e, conseqüentemente, ao grupo ao qual ele pertence. Nessa perspectiva, segundo afirmação de Macedo e Cavalcante (2019), essa troca corrobora o aniquilamento dos respectivos argumentos e das imagens civis/atuantes da interação social.

Características atribuídas por Amossy (2017) que delimitam a polêmica, ao mesmo tempo em que impulsionam sua reflexão em sua ampla extensão, indicam que ela é efêmera. Tal efemeridade se “deve ao fato de a polêmica se atualizar como modalidade na relação entre textos, em dada interação concreta. Passada a efervescência, a modalidade polêmica esmorece e cai no esquecimento” (CAVALCANTE; BRITO, 2022, p. 127).

É nessa perspectiva, portanto, que fatos considerados polêmicos tratam de assuntos da atualidade, cuja repercussão não permanecerá eternamente. E essa efemeridade é garantida através de sua atualização. Segundo Cavalcante et al. (2020, p.

53), “a atualização da polêmica faz com que ela seja efêmera no instante em que os atores sociais ativos perdem o interesse pelo tema polemizado.

Diante disso, é necessário aqui destacar os dois modos de atualização da polêmica. Segundo Cavalcante et al. (2020, p. 53), o primeiro modo acontece quando “o próprio texto de um dado gênero, como a charge, refere-se, indiretamente, ou alude, a uma situação, divulgada em textos anteriores”, deixando a possibilidade de provocar reações em novos textos, garantindo assim a polêmica. Desse modo, é deixado um gatilho para desencadear um caloroso debate. Já no segundo modo de atualização da polêmica, o texto desencadeador “não expressa nenhuma questão polêmica discursiva” (CAVALCANTE et al., 2020, p. 57). No primeiro modo, os gêneros textuais têm como característica temáticas polêmicas que garantem a sua atualização; no segundo modo, a polêmica é atualizada na interação, como, por exemplo, quando uma publicação em alguma rede social não apresenta um tema polêmico, mas nos comentários podemos encontrar alguma discussão que neles mesmos foi proposta.

. Outro ponto que merece destaque é o fato de que a polêmica precisa interessar ao público na medida em que ela se difere de uma simples discussão do cotidiano. O que a tornará polêmica é sua abrangência na sociedade, suscitada a sua força pela mídia, ou por algum outro veículo de informação. Um ponto a ser observado nesse aspecto é que a mídia, principalmente a digital, tem se tornado em tempos atuais um campo fértil para a propagação de discursos polêmicos, sobretudo no que concerne ao campo dos posicionamentos político-partidários, no qual se percebem, com maior intensidade, tensões mediante as polarizações.

A observação de interações conflituosas na Web conduziu nosso interesse pelas polêmicas nas redes sociais, e as estratégias linguísticas empregadas nesses contextos. Entendemos, com Amossy (2011, p.27), que, sendo a polêmica “un mode verbal de gestion des conflits qui met l’accent sur l’antagonisme et l’incommensurabilité des points de vues opposés”, ela interessa às pesquisas voltadas para as estratégias argumentativas. Elegemos, assim, como corpus para este estudo publicações no Instragram sobre a temática da Vacina da Covid-19 e comentários relativos a ela.

A polêmica, segundo Amossy (2014, p. 239), se dá no espaço público; antigamente eram as praças públicas, atualmente, são os ambientes digitais, como: Facebook, Twitter, Instragram, WhatsApp, Telegram, Youtube, outrora o Orkut, entre outros. Os espaços públicos digitais trouxeram uma nova dimensão temporal para a divulgação de informações e, conseqüentemente, da expressão de tomadas de posição

frente as informações que circulam na rede. Tudo se torna público rapidamente na Web. Essa particularidade dos ambientes digitais possibilita também a ampliação das relações.

É válido ressaltar que, como analisamos interações virtuais escritas, não consideramos a possibilidade de interrupção do outro – previsto nas considerações acerca do uso da violência verbal por Amossy (2017) –, o que corrobora a perspectiva de que situações interativas distintas envolvem aspectos variados.

De fato, muitas são as possibilidades de construção textual na atualidade, ampliadas certamente pelas tecnologias digitais, o que, se, de um lado, permite muitas formas de interação, de outro, torna a compreensão do fenômeno textual mais complexa pela multiplicidade de possibilidades discursivas que se nos apresentam. Assim, não podemos desconsiderar que o texto é “marcado pelas infinitas possibilidades que os recursos digitais oferecem especialmente para as interações nas redes sociais” (Cabral, 2016, p. 143), o que, conforme Cabral (2016) nos leva a repensar o estatuto do texto, tendo em vista que ele pode “ultrapassar os limites de sua materialidade, estendendo seu escopo a outros textos, que se incorporam a ele (CABRAL, 2016, p. 147).

2.4. Propriedades da modalidade polêmica

Ao interrogar-se sobre o funcionamento e as funções sociais da polêmica, Amossy (2017) abarca o fenômeno global que ela suscita, observando que a condição *sine qua non* de sua existência é o antagonismo de opiniões apresentadas em um confronto verbal, o que permite uma apreciação por comparação. Disso, ela depreende que a interação polêmica é uma modalidade argumentativa que atravessa tanto os gêneros como os tipos de discurso que circulam na esfera social. Para a pesquisadora, as especificidades da polêmica pública se traduzem pela dicotomização, pela polarização, pela desqualificação do outro e, de forma secundária, pela violência verbal e pelo apelo às emoções.

A polarização realiza agrupamentos em campos adversos entre os participantes e “se cria além, e apesar, de numerosas divergências. É um efeito da distinção entre atores e actantes” (AMOSSY, 2017, p. 57). Os atores são entendidos como os indivíduos sociais, enquanto os actantes são papéis enunciativos orquestradas concretamente, representadas por um Proponente, um Oponente e um Terceiro. Sobre o papel de cada um desses atores, explicam Cavalcante et al. (2020, p. 51):

É na polarização que os autores do circuito comunicativo se colocam nos papéis sociais de Proponente, Oponente e Terceiro. O Proponente desempenha o papel de defensor de uma das teses que se embatem na modalidade polêmica; o Oponente atua como opositor da tese defendida pelo Proponente e se coloca no extremo oposto da polarização; e o Terceiro é aquele que só acompanha a distância o dissenso atualizado no espaço público.

A título de exemplificação e, pensando na análise depreendida nesta pesquisa a partir do corpus formado por textos sobre a temática da vacina contra o Coronavírus, podemos ajustar nossa lupa para a seguinte situação: em uma determinada publicação veiculada pela plataforma Facebook, a polêmica é instaurada a partir de uma notícia sobre a aplicação da primeira dose da vacina contra a Covid-19 no Brasil.

Imagem 2 – João Doria (PSDB) celebrou vacina Coronavac



<https://m.facebook.com/ZeniltonMeiraBlog/photos/a.2370773626376736/3612487218872031/?type=3>

No comentário acima destacado ao lado da notícia, podemos dizer que a polêmica é atualizada a partir do seguinte comentário: “Por quê [sic] Mônica Calazans tomou a “primeira vacina” se teoricamente ela já estava imunizada por ter participado dos estudos

da vacina experimental no Butantan? Aliás, a própria enfermeira postou em suas redes sociais que estava na Praia no final do ano. Ninguém acredita em João Doria! ”.

A partir deste comentário, podemos formular a seguinte questão argumentativa: Se a vacina é eficaz e se Mônica já havia tomado a primeira dose durante os testes, por que tomar a segunda dose publicamente fingindo ser a primeira vez? Neste sentido, esta questão argumentativa orientará os atores da situação comunicativa a determinarem qual papel actancial irão assumir: Proponente, se concorda com o ponto de vista que desencadeou a polêmica; Oponente, se irá elaborar uma contra-argumentação a respeito da tese levantada; por fim, o Terceiro, que acompanha toda a disputa encenada no palco discursivo. Com relação à atuação do Proponente, é necessário pontuarmos a sua responsabilidade diante do ônus da prova, categoria que exploraremos mais em detalhes na parte analítica deste trabalho.

Plantin (2008) fala de uma argumentação dialogada, porém ele a relaciona com a existência de uma contradição. Nesse sentido, Plantin (2008, p. 64 apud AMOSSY, 2011, p. 131) define “a situação argumentativa típica como o desenvolvimento e o confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a alguma questão. ” A autora reafirma a perspectiva dialógica da argumentação, mas nega que para ela existir seja imprescindível haver dois discursos contraditórios, já que considera que a argumentação pode também surgir da simples “expressão espontânea de um ponto de vista pessoal” (AMOSSY, 2011, p. 131).

3. ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

3.1. Linguística Textual e argumentação

Alcançada no âmbito dos atuais projetos de pesquisa desenvolvidos pelo Grupo Protexto, que visam investigar, por meio dos critérios de análise da Linguística Textual (LT), as orientações argumentativas do texto, a tese da pesquisadora Patrícia Macedo (2018) propõe uma interface entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de Amossy, analisando a inscrição da argumentatividade discursiva em textos e apresentando a possibilidade de se evidenciar a argumentação por categorias de textualidade, tais como gênero do discurso, intertextualidade, composicionalidade e referencialidade.

A proposta de Macedo (2018) parte da afirmação de Amossy de que “a argumentação deve ser estudada no nível de sua construção textual, a partir dos procedimentos de ligação que comandam seu desenvolvimento” (AMOSSY, 2018a, p. 41). Desse modo, para além dos instrumentos já utilizados de análise sucedidos do nível pragmático (implícitos, pressupostos e subentendidos) e do nível puramente linguístico (análise das escolhas lexicais, dos deslocamentos semânticos, dos conectores etc.), Macedo propõe que a TAD recorra aos parâmetros de análise do nível textual.

Essa proposta de articulação necessita, no entanto, de uma reflexão sobre a diferença de *modus operandi* da AD e da LT. Embora ambas as disciplinas tenham o texto como unidade de análise, suas preocupações de investigação e o modo como idealizam a noção de texto não são os mesmos.

Enquanto a AD se propõe investigar, segundo Maingueneau (2015), o elo que liga os textos às situações comunicativas por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional, a LT se interessa, segundo Cavalcante (2016), pela descrição e explicação das estratégias de textualização, isto é, interessa-se por descrever e explicar como são colocados em texto, em permanente negociação os propósitos dos interlocutores, que agem de acordo com as convenções das práticas discursivas.

Macedo (2018), ao observar o interesse comum da LT e da TAD em investigar a inscrição da argumentação, respectivamente, no texto e no discurso, reflete, no capítulo que discute a interface proposta, que os gêneros, como objetos de análises das duas

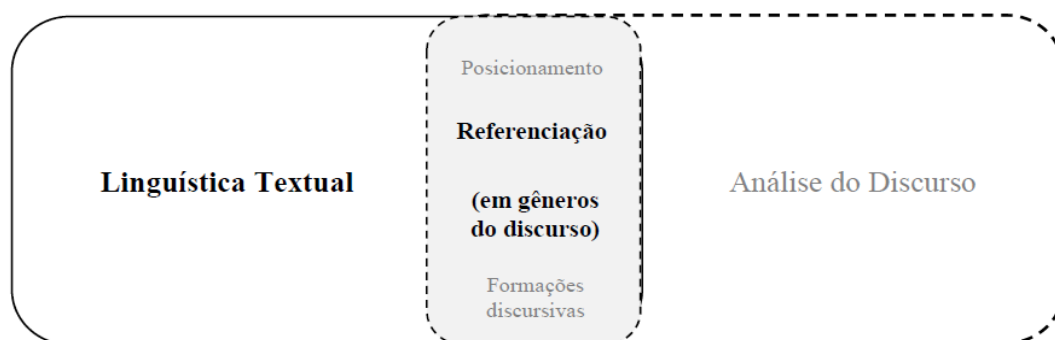
disciplinas, são instituídos simultaneamente como textuais e discursivos e, por isso, seriam úteis como meio de diálogo entre as duas áreas.

A escolha dos gêneros como ponto central da articulação é fruto da percepção de Macedo acerca da importância desse parâmetro na proposta de Amossy, e permite, segundo a autora, “situar os textos e os discursos em um quadro discursivo e genérico a partir do qual poderemos compreender a relação entre o tipo de interação, a construção da coerência, a macroestrutura textual e os diferentes modos textuais de argumentatividade” (MACEDO, 2018, p. 82).

Na defesa de que a relação entre texto e discurso é bidirecional e simbiótica, isto é, uma via de mão dupla, e de que a argumentatividade tanto é constitutiva do discurso quanto instaurada no texto, Macedo (2018, p. 105) diz que “o texto materializa condições sócio-históricas e que é por intermédio dos sistemas de gêneros que textualidade e discursividade se unem, mas [...], assim como ‘não há textos sem gênero(s)’ (ADAM, 2017, p. 36), não há gêneros sem textos”, o que implica dizer, portanto, que o texto não é somente a materialização do discurso, ele igualmente é necessário para sua instauração.

Assim sendo, admitindo a noção de gênero como ponto de interseção, o esquema pensado por Macedo (2018), que tomaremos nesta pesquisa, propõe um diálogo entre a TAD e a LT que pode beneficiar ambas as disciplinas, sem que, para isso, elas percam seu status de disciplina autônoma no campo das ciências da linguagem. Desse modo, cada disciplina recorrerá a algumas categorias da outra para auxiliar a investigação de seu objeto.

Imagem 3 – Interface entre LT e AD no estudo da referenciação



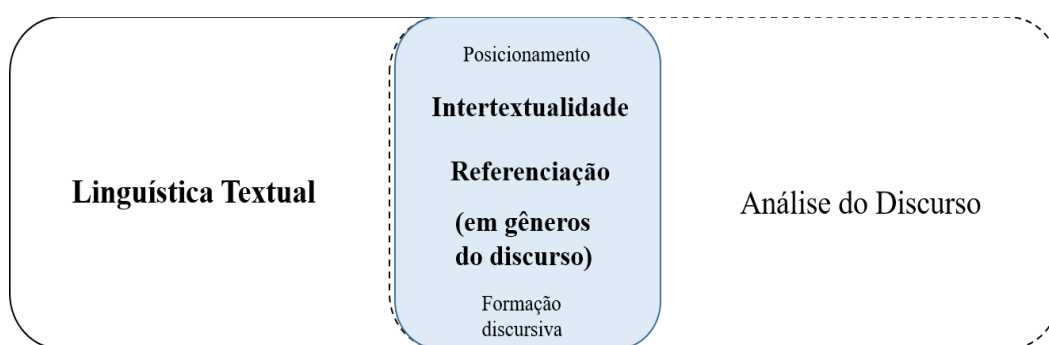
FONTE: MACEDO (2018, P. 105)

Por exemplo, em um estudo de referenciação, situado no âmbito da LT, tomaria de empréstimo “categorias discursivas da AD para descrever e analisar processos

referenciais como estratégias argumentativas ligadas à textualidade” (MACEDO, 2018, p. 104-105).

Contudo, na análise aqui esboçada, e nos trabalhos realizados pelo Protexto e Gelt, entendemos a intertextualidade como um parâmetro analítico dentro dessa interface entre LT e AD. Acreditamos que os processos referenciais se efetivam dentro dessa rede de textos que dialogam entre si, e que esses dois processos textuais andam lado a lado como estratégias para a construção da argumentatividade. Com isso, acrescentamos ao quadro proposto por Macedo (2018) o parâmetro da intertextualidade:

Imagem 4 – Interface entre LT e AD no estudo da intertextualidade e referência



Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso, as categorias textuais ocupam a posição central da investigação, e as discursivas, a posição de fundo. Já no âmbito da AD, os analistas do discurso poderiam recorrer aos processos de intertextualidade e de referênciação como instrumento, para revelar, por exemplo, os posicionamentos ideológicos dos sujeitos e a construção do *ethos* discursivo. Macedo (2018) apresenta em sua tese uma operacionalização do diálogo entre a LT e a TAD, seguindo a perspectiva de Cavalcante (2016).

É na dimensão do texto que a argumentação se evidencia. Se, para Amossy, a argumentação é constitutiva do discurso, penso que, para a LT, é na dimensão das relações de *textualização* que a argumentação se inscreve, em total dependência com as relações de coerência textual. A argumentação é constitutiva do discurso, mas é no texto que ela se expressa (2016, p. 122, grifos da autora).

Com isso, Macedo (2018) evidencia, através de vários exemplos de textos que atualizam questões polêmicas, que é produtivo o diálogo entre esses dois campos dentro dos estudos da linguagem, visto que a LT pode oferecer subsídios significativos à análise

da argumentação no discurso, estabelecendo uma interdisciplinaridade entre as duas áreas. Nessa perspectiva, a autora relaciona critérios analíticos da Linguística Textual como a referencialidade, a composicionalidade e a intertextualidade com a inscrição da argumentatividade retórico-discursiva em textos. Diante disso, esta tese se faz de grande importância na construção desta pesquisa, pois se caracteriza como um modelo precursor teórico e metodológico para o que objetivamos empreender.

3.2. Critérios analíticos da Linguística Textual na análise da Polêmica

Para a Linguística Textual, o texto é um produto da interação. Este sofre influências do meio social e discursivo. Em determinados meios, essas influências passam por processos de seleções estratégicas do locutor, antecipando seus interlocutores. Ao constituir um discurso, o sujeito se constitui junto com ele pelo seu posicionamento diante do assunto tratado na sua enunciação. O ato de referir remete à maneira como os objetos de discurso são abordados no texto, e ao tratamento que eles recebem por parte daqueles que fazem parte do processo de interação. Esses objetos de discurso não correspondem a elementos da realidade concreta; são, antes, fruto das nossas percepções culturais e dependem da forma como vemos o mundo.

Segundo Cavalcante (2016), a posição da argumentação no escopo dos estudos da LT ocupa lugar de pressuposto, uma vez que, dentre outros princípios em comum que existem entre a TAD e a LT, é vista a consideração da análise de marcas da negociação persuasiva nos níveis do *logos*, do *pathos* e do *ethos* nos textos, além da concepção de sujeito como agente social consciente de seus papéis na sociedade, ao passo que ele age sobre o outro. A intersecção entre as duas abordagens teóricas abre espaço para a verificação da “intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos discursivos no contexto” (CAVALCANTE, 2016, p.16).

Os critérios analíticos da LT podem contribuir para a análise na polêmica, uma vez que seus usos podem negociar sentidos dentro da interação, no qual o locutor se vale em suas escolhas para persuadir seu interlocutor, ou, na modalidade aqui analisada, contribuir para manutenção da polêmica no jogo do embate discursivo.

Diante de tal pressuposto, defende Cavalcante (2016, p. 116):

[...] a LT pode contribuir para uma análise da argumentação nos discursos, pois os critérios analíticos da LT são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante,

negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos. É justamente a suposição dessa agentividade, ou dessa actorialização, que faz a LT eleger como critérios de análise os diversos recursos de que pode se valer o locutor para persuadir a quem ele projeta como interlocutor.

Outro ponto defendido nos recentes trabalhos da LT, no qual destacamos Cavalcante e Brito (2018), bem como as reflexões nas recentes obras elaboradas pelo grupo Prottexto, *Linguística Textual e Argumentação* (2020) e *Linguística Textual: conceitos e aplicações* (2022), é o caráter intertextual da modalidade argumentativa polêmica. Isso se dá porque “quando a polêmica se atualiza na polarização, há sempre a evocação de outros textos que antes já atualizaram uma questão discursiva controversa” (CAVALCANTE; BRITO, 2022, p. 127). Diante de tal afirmação, concordamos como o pressuposto apresentados nas obras já citadas, que estão em consonância com os pressupostos de Amossy, que a modalidade polêmica só pode ser analisada na interação, “no acontecimento dos textos e no modo como alguns deles convocam saberes de outros” (CAVALCANTE et al., 2020, p. 121).

Não focando apenas nas intertextualidades, defendemos aqui que os processos referenciais estão dentro dessa ligação intertextual, logo, também sendo fundamental na construção da polêmica. Acreditamos que a simbiose de tais categorias coloca o texto em funcionamento.

Nesse sentido, a utilização dos parâmetros textuais, permitida pelo referido vínculo entre as teorias, faz-se oportuna para investigar as estratégias argumentativas que são utilizadas por aqueles que interagem no discurso mobilizado pelos seus interesses em comum: persuadir outrem.

O que se propõem explicar, nas análises das diversas modalizações das interações discursivas em que atuam a TAD e a LT, “são escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante negociando-o com prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos” (CAVALCANTE, 2016, p.116).

Em todo caso, a argumentação é sempre constitutiva dos textos, mesmo que o seja de formas diferentes. A concepção de modalidades argumentativas propostas por Amossy (2008) nos aponta à um entendimento modular de argumentação, que pode ser vista na perspectiva de um continuum no qual as modalidades argumentativas variam do acordo ao desacordo, da conformidade ao choque antagônico de opiniões, sendo condicionadas pelos gêneros do discurso e pelas restrições de cada quadro interacional.

No próximo capítulo vamos mostrar um dos principais critérios de análise da Linguística Textual, os processos referenciais. A referenciação e a intertextualidade pautarão nossas análises.

3.3. Os processos referenciais

Os estudos sobre referenciação têm sido um dos principais campos de estudos dentro da Linguística Textual durante as últimas décadas. Os trabalhos empreendidos buscam, em sua grande parte, investigar como a referenciação auxilia na construção da coerência de um texto. Muitos trabalhos já procuraram relacionar, por exemplo, os processos referenciais à argumentação, devido à complexidade que essa categoria analítica pode oferecer para análise da argumentação. Essas pesquisas focam como a disposição dos referentes em um texto, sempre negociado com os interlocutores, revela uma finalidade persuasiva. Estes trabalhos vão ao encontro da ideia de que “os processos referenciais cumprem uma função eminentemente argumentativa, ou avaliativa” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO 2014, p. 111).

Portanto, a referenciação poderia ser definida como “a construção e a reconstrução de objetos de discurso (os referentes), os quais não devem ser confundidos com a realidade extralinguística, uma vez que o entendimento é de que esses referentes (re)constroem a realidade no processo de interação” (CAVALCANTE *et al*, 2017, p. 94). Diante disso, é importante dizer a referenciação se sedimenta em três preceitos: na instabilidade do real, na negociação dos interlocutores e na natureza sociocognitiva (e, como frisado acima, discursiva) da referência. Portanto, o referente é um objeto de uma representação da mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida somente no texto.

Com base no trabalho empreendido por Cavalcante e Martins (2020), em anuência com o defendido por Amossy (2017) em relação ao fato de que todo texto contém uma dimensão argumentativa, nosso objetivo é analisar como a referenciação e seus processos referenciais, na perspectiva da Linguística Textual, comprovam a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro em textos de temáticas polêmicas. Assim sendo, analisaremos os processos referenciais a serviço de estratégias argumentativas polêmicas.

Lorenza Mondada, em sua tese de 1994, propõe a noção de referenciação, que tem em seu berço uma abordagem etnometodológica e sociointeracionista da linguagem. Em sua perspectiva metodológica, o autor defende uma concepção praxeológica do dizer e do saber, pela qual as atividades linguageiras estão essencialmente atribuídas aos contextos

sociais. Mais tarde, Mondada e Dubois (2016) atentaram para o caráter instável dos processos de construção referencial. Conforme as autoras (2016, p. 17), “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”, e essa construção é negociada na interação, pois depende de vários fatores envolvidos no contexto comunicativo. Nessa visão construtivista, as autoras optam por chamar *objetos de discurso* no lugar de referentes, pois é no contexto que os objetos do discurso fazem sentido, e estes são construídos na interação. Em sua tese, Apothéloz (1995), também adepto de uma perspectiva construtivista da referência, adotando a ideia de que os referentes não existiam de forma natural à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, porque estes surgiam necessariamente das atividades culturais de linguagem.

Para a Linguística Textual, o texto é um produto da interação. Este sofre influências do meio social e discursivo. A partir desse entendimento, o fenômeno da referenciação é estudado.

Em primeiro lugar, é imprescindível entender que a referenciação é uma “proposta teórica que salienta o caráter altamente dinâmico do processo de construção dos referentes em um texto” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p.27). Em segundo lugar, é fundamental o fato da referenciação ser uma (re)elaboração da realidade.

Primeiramente, é importante compreender que a referenciação é uma “proposta teórica que salienta o caráter altamente dinâmico do processo de construção dos referentes em um texto” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p.27). Outra consideração imprescindível é o fato de a referenciação ser uma (re)elaboração da realidade.

Ao percorrer o caminho dialógico da referenciação, Alves Filho (2010) demarca o território do plurilinguismo referencial, esclarecendo como um determinado “objeto de mundo” pode ser significado de formas distintas como objeto de discurso. Para isso, ele exalta o exemplo de “casinha” e “palacete”, que, de pontos de vistas constitutivos distintos, apontam para o mesmo referente. Também aprofunda a reflexão mostrando como determinados grupos sociais significam o mesmo referente, a partir de lugares sociocognitivos distintos (como os grupos sindicais em relação com os grupos gestores de determinada universidade). O autor julga ultrapassado conferir um caráter monofônico ao estudo do referente, considerando, inclusive, que a perspectiva monofônica seja um problema estrutural nos estudos da referenciação.

Nas palavras de Neves (2007), a referenciação e a argumentação estão ligadas pelo modo como os enunciados são postos no texto, como eles servem aos propósitos, às opiniões e às crenças de quem escreve. Assim, o autor do texto elabora os sentidos que ele quer, utilizando-se dos diferentes modos para convencer o leitor de que os significados construídos por ele são “verdadeiros”. Desse modo, estabelecemos a relação entre as estratégias argumentativas e os processos referenciais porque, “na posição de falante, o sujeito autorizado elabora enunciados que comportam expressões ou palavras que, além de informar, carregam certa carga de juízo de valor que podem conduzir a orientações argumentativas” (PALUMBO, 2007, p. 73).

Assim, quando um objeto de discurso é empregado no texto, comporta um sentido, em alguns casos, apresenta um juízo de valor, que funciona como uma prática argumentativa, visto que o autor utiliza o referente com o objetivo de defender uma tese, um ponto de vista.

Faz-se importante observar que não entendemos o texto como algo infinito. Consideramos a perspectiva dada por Cavalcante *et al.* (2019) de que um texto tem limites, no caso, começo e fim, e com isso, podemos chegar a uma compreensão e conclusão textual.

Para Cavalcante e Brito (2016), os processos de referenciação correspondem a estratégias sociocognitivo-discursivas de estabilização dos referentes no texto. Para as autoras,

Os referentes completam um percurso no texto que vai desde os modos como o locutor escolhe introduzi-los até as diferentes maneiras (sempre multimodais) pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele os interprete (embora jamais se possa assegurar que essas ações se deem conforme as expectativas de cada participante). (p. 127)

Assim, entendemos que é na materialidade textual que podemos perceber os objetos de discurso e que, conseqüentemente, o texto instaura a sua realidade, fazendo com que os “sentidos e referentes se tornem uma construção negociável” (CAVALCANTE, 2015, p. 372), que obviamente é inescapável ao contexto.

Na obra *Coerência, referenciação e ensino*, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) estabelecem três grandes processos referenciais: o de introdução referencial; o de anáfora e o de dêixis. Na introdução referencial, os objetos do discurso são apresentados no texto pela primeira vez; na anáfora, os objetos são retomados e progridem no texto; já na dêixis os objetos correspondem a tipos de introduções e anáforas são entendidas somente pelos direcionamentos do locutor.

Cavalcante e Martins (2020) apresentam o seguinte quadro resumitivo dos processos referenciais, elaborado pelas autoras, em que, de forma elucidativa e sucinta, os processos referenciais acima são apresentados.

Imagem 5 - Quadro resumitivo dos processos referenciais

Os processos referenciais	
Introdução referencial Inauguração de referente.	Anáforas/Recategorização Retomada de referente, sempre evoluindo, recategorizando-se. vs. • Direta (pela correferencialidade); • Indireta (pela não correferencialidade – referente novo recuperado pelo contexto); • Encapsuladora (pela sintetização de um referente difusamente apresentado por proposições).
Dêixis Introdução ou retomada de um referente situado em relação à origo, ressaltando-o para o interlocutor. • Pessoal (por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada); • Social (por indicar as relações entre os participantes da situação enunciativa, revelando graus de formalidade e informalidade, estratégias de polidez, além de papéis sociais e estereótipos culturais que eles assumem); • Espacial (por apontar para determinados referentes espacialmente situados, tomando o locutor como ponto de origem); • Temporal (por indicar aspectos temporais pressupondo o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação); • Textual (por orientar cotextualmente, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaço-temporal); • Memorial (por fornecer base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores); • Fictiva (por orientar espacialmente, a partir da transposição do ponto de origem, seja em uma situação física, seja fictiva); • Modal (por englobar modos indicados por comportamentos de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou outras sensações que apelem para os sentidos).	

Fonte: Livro linguística geral p.244

Segundo Cavalcante e Martins (2020, p. 242), “as introduções se prestam a apresentar o referente da maneira que o locutor supõe mais persuasiva, encapsulando ou não proposições do texto”. Quando um referente aparece pela primeira vez em um texto, estamos falando em introdução referencial. Essa entrada pode ser marcada de forma verbal ou não verbal, a exemplo de uma imagem. Temos por base esse entendimento

sobre as introduções referenciais a partir da concepção dada pela LT, que advoga em favor dos limites de um texto, a partir da própria noção de texto, que pressupõe a de interação.

Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p.62), “a anáfora diz respeito a um processo de retomada, que promove continuidade referencial”, ou seja, quando se coloca um novo referente em um texto, pode haver as retomadas, as continuidades e os acréscimos do referente, que acontecem justamente nas anáforas. Sintetizando, as anáforas são as formas como as referenciais são retomadas ao longo do texto.

De acordo com Cavalcante e Martins (2020, p. 250), o “termo anafórico sempre foi associado a formas pronominais e nominais que manifestavam a retomada de referentes”, e, embora a anáfora correferencial seja a ocorrência mais prototípica, o fenômeno anafórico apresenta outras formas além dessa. A anáfora direta, a mesma correferencial já citada, é “a forma linguística que recupera um referente já evocado antes no texto” (CAVALCANTE e MARTINS, 2020, p. 250).

Em relação à continuidade referencial em um texto, a anáfora direta pode acontecer ainda por meio da evolução dos referentes. Esta evolução pode agregar informações, sentimentos e opiniões que ajudam na progressão textual e vão recategorizando o referente como resultado.

As anáforas indiretas, por sua vez, não retomam exatamente o mesmo objeto de discurso, porém, remetem a determinado referente por meio de pistas cotextuais de qualquer espécie, que produzem a associação em relação ao referente, apontam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Por último, temos as anáforas encapsuladoras, que encapsulam, como o próprio nome já diz, resumem partes contextuais já apresentadas.

Importante ressaltar o que Cavalcante e Martins (2020) falam sobre este processo referencial quando dizem que “as anáforas diretas, tanto quanto as anáforas indiretas, recuperam, reformulam e confirmam referentes, mesmo os não explicitados contextualmente” (p. 252).

Sobre a anáfora, é importante ressaltar seu caráter naturalmente recategorizador, proposição defendida por Cavalcante e Brito (2016), com o qual nos alinhamos. As autoras, em avaliação do quadro proposto por Custódio Filho (2011) acerca dos processos de reelaboração referencial, avaliam que o referente”

Pode sofrer transformações, chamadas de recategorizações, ancoradas em diferentes pistas formais que revelam como o texto o apresenta e como ele poderá ser reconstruído pelo interlocutor. A recategorização é algo tão inerente

ao processo referencial que acontece o tempo inteiro, e as expressões referenciais apenas colaboram entre si e com outras âncoras formalizadas no contexto para a necessária tentativa de estabilização das anáforas, em estratégias cruciais para a construção de uma unidade de coerência textual. (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 132).

Por essa razão, também as categorias analíticas do texto, dentre elas a referenciação, requerem uma demarcação definicional, o que não significa que estejamos pleiteando que a forma de manifestação seja exclusivamente responsável pela representação do referente, mas significa, sim, que todos os elementos semióticos (incluindo as expressões referenciais) cooperam na construção intercognitiva e socialmente situada do referente. As formas de realização dos referentes no texto não só ajudam a ancorá-los, por diferentes evocações, como também a estabilizar as confirmações (ou manutenções) e os acréscimos das recategorizações que eles sofrem na construção da coerência textual. O procedimento anafórico consiste, então, nesses movimentos de ancoragem e estabilização.

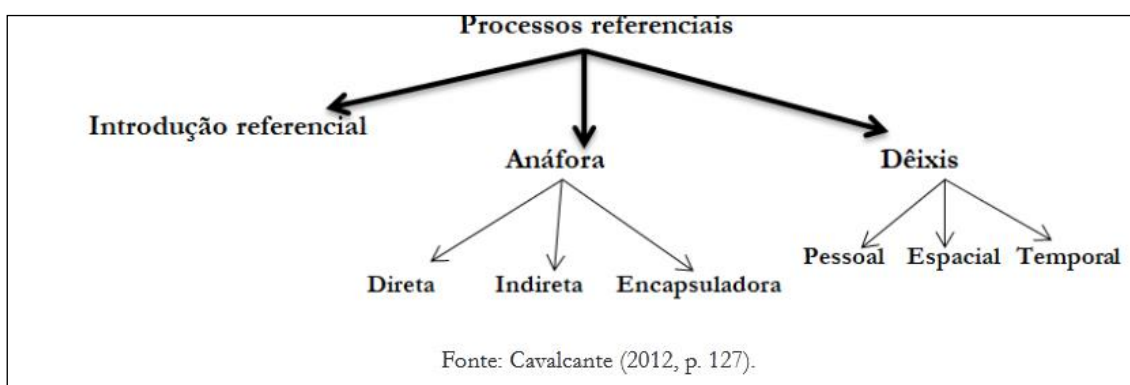
Cavalcante e Brito (2016) não se prendem a uma definição de recategorização mais lexical e, com base em Lima (2009), sustentam uma visão ampla que extrapole as formas linguísticas e considere os constantes movimentos de idas e vindas nas múltiplas semioses de que o locutor, ao produzir determinado texto, se vale em busca de construir sentidos nas diversas práticas discursivas. Para as autoras (2016, p. 119), “a recategorização compõe a dinâmica natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo em que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática.” Sendo o referente de natureza sociocognitiva e discursiva, a recategorização não poderia ser atribuída somente a formas referenciais, mas às idas e vindas na construção do objeto de discurso de modo que se estabilizam e instabilizam na tentativa de exercer influência sobre o outro. Cavalcante e Martins (2020, p. 254) definem que o processo de recategorização “é desencadeado logo após a apresentação de um referente, que pode remeter a outros, por pistas intertextuais, e geralmente já antecipa pontos de vista que serão confirmados ou refutados ao longo do texto”. É na interação que ele se efetiva, e é construído de forma evolutiva.

A dêixis, por fim, é um tipo de referenciação cuja função diz respeito à localização e identificação em relação ao espaço e ao tempo, contanto que na situação de enunciação haja pelo menos um falante e um ouvinte. Este processo referencial “pressupõe a marcação do ponto de origem do locutor (instauração de uma *origo*), a partir da criação de um campo dêitico, ora introduzindo referentes, ora retomando-os” (CAVALCANTE

e MARTINS, 2020, p. 258). Vale ressaltar que as expressões referenciais dêiticas podem tanto retomar objetos de discurso como introduzi-los, pois o que interessa nesse tipo de expressão é a localização de quem fala, com quem fala e o tempo e o lugar em que se passa a comunicação.

Observemos o esquema dos processos referenciais de acordo com a categorização presente em Cavalcante (2012), Na Figura 3, a seguir:

Imagem 6 - Processos referenciais



FONTE: CAVALCANTE (2012, P. 127).

Martins (2019) amplia os tipos de dêixis, descrevendo oito tipos em sua dissertação: pessoal, social, espacial, temporal, textual, memorial, fictiva e modal, conforme mudem os modos de ostensão, ou apontamento. Vejamos o quadro resumitivo elaborado pela autora:

Imagem 7 – Quadro resumitivo dos tipos de dêixis²

Os oito tipos dêiticos apresentados na literatura
Dêixis Pessoal
Dêixis Social
Dêixis Espacial
Dêixis Temporal
Dêixis Textual
Dêixis Memorial
Dêixis Fictiva
Dêixis Modal

² Apresentamos o quadro resumitivo dos tipos de dêixis para mostrar todos os processos referenciais com o qual a LT trabalha. Entretanto, por uma questão metodológica, resolvemos não as analisar no corpus de nossa pesquisa.

Fonte: Martins, 2019, p. 55.

Todos esses processos referenciais supracitados desempenham papéis relevantes na construção do texto, exercendo funções textual-discursivas que permitem organizar, introduzir referentes e argumentar, dentre outras significativas possibilidades de produção de um texto. Vale ressaltar que é o processo global de elaboração de um texto que nos permite observar essas estratégias referenciais em funcionamento.

As classificações dos processos referenciais nos ajudam a compreender a evolução dos referentes nos textos e, com isso, realizar interpretações cabíveis e permitidas pelo contexto. Contudo, é importante ressaltar que estudar este fenômeno não se restringe apenas a abordar sua classificação. Sobre isso, Cavalcante e Martins (2020, p.245) refletem que

a relevância do estudo da referenciação não se limita à identificação e classificação de expressões referenciais, e sim, à (re)construção da coerência, à negociação argumentativa e às relações interdiscursivas. Lidamos com os processos referenciais como estratégias argumentativas que buscam atender às tentativas de influência do locutor sobre o interlocutor (e, quando for o caso, sobre o participante indireto da interação). A referenciação consta entre as principais estratégias de orientação argumentativa de um texto. Com base em Amossy (2017), entendemos que, em todo texto, há uma dimensão argumentativa, já que pressupõe um sujeito que atende às coerções sociais e discursivas, mas é intencional e tem livre arbítrio para tentar exercer influência sobre o outro. Para isso, o locutor, supondo-se dono de seu dizer, mobiliza determinadas estratégias argumentativas, bem-sucedidas ou não, que requerem várias escolhas, dentre elas a dos processos referenciais, os quais, articulando todos os referentes em rede, permitem (re)construir a coerência textual.

Concordamos com o entendimento que as escolhas referenciais realizadas no momento da produção textual não são aleatórias, porém visam, dentro de um determinado contexto, convencer o interlocutor a partilhar do mesmo ponto de vista do locutor. Isto posto, corroboramos o que já foi apresentado por Cavalcante e Martins (2020), quando dizem que os processos referenciais são construídos à medida que o texto emerge e assim fazem parte da construção de seu sentido.

Diante das reflexões expostas, entendemos os processos referenciais como um critério crucial para a análise textual desenvolvida em nossa dissertação, pois eles revelam muito das estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor. Os processos referenciais fazem parte da teia textual, principalmente com função argumentativa. Isso nos permite comprovar, por exemplo, que a escolha de uma certa introdução referencial é algo argumentativamente orientado com a finalidade de tentar persuadir o interlocutor. Esta

perspectiva se estende também às recategorizações anafóricas, que nos é de interesse em nossa análise, pois tentamos demonstrar posicionamentos dentro dos textos analisados que atualizam a polêmica discursiva.

Diante disso, para a análise de publicações e comentários feitos em redes sociais, temos como um de nossos objetivos mostrar como a referenciação comprova a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro nos dados analisados. Nosso corpus, formado por textos com a temática sobre a vacina Coronavac, está situado em um meio social determinado, inserido em um contexto de ampla discussão na sociedade sobre a referida temática. Com isso, os processos referenciais apresentam o papel de inserir estratégias textuais de persuasão, uma vez que os locutores fazem as escolhas a partir de seus objetivos comunicativos, a exemplo dos textos por nós analisados, que podem apresentar posicionamentos nas próprias publicações do jornal, como nos comentários nele gerados.

Compreendemos que a análise da polêmica ancorada nos aspectos textuais, como os processos referenciais, pode evidenciar os critérios definidores dela, e assim revelar nos textos as figuras do Proponente e do Oponente, que visam convencer o Terceiro em suas teses. Os processos referenciais, assim como os processos intertextuais, podem apresentar profícuas estratégias argumentativas na construção da polêmica, que podemos até mesmo defender como critérios definidores para esta modalidade argumentativa. Tal visão abordaremos no capítulo a seguir, que tratará com mais detalhes de outra categoria analítica textual que nos é valiosa nesta pesquisa: a intertextualidade.

3.4. Os processos intertextuais

[...] os diferentes modos como os textos se repetem uns nos outros atuam como vetor para que se engendrem os pontos de vista e sua relação com crenças, valores e posicionamentos. Em outros termos, assumimos que as intertextualidades se apresentam como critério para a análise textual da argumentação, pois as repetições (a despeito de serem mais ou menos explícitas) não são, conforme entendemos, neutras ou fortuitas. Fundamenta essa defesa a propriedade que o texto tem de ser [...] novo a cada vez que se enuncia em um dado contexto sócio-histórico. Desse modo, o processo de construção do “novo”, viabilizado pelo diálogo intertextual, ainda que tributário do “velho”, agenciará novos elementos que contribuirão para imprimir sentidos outros para cada situação

Diante de pesquisas como as de Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), Carvalho (2018), e Cavalcante *et al* (2020), podemos constatar a ideia de que os processos intertextuais desempenham um papel fundamental na configuração das modalidades polêmicas em espaço público. Nas pesquisas destacadas, em especial em Cavalcante *et al* (2020), os autores reafirmam que as intertextualidades podem desempenhar variadas funções, nas quais se apresentam de forma simultânea e sobreposta, dependendo do propósito comunicativo pretendido pelo locutor, das condições do gênero e da situação da comunicação, entre outros fatores.

Para entendermos um pouco mais sobre a Intertextualidade, tomamos como norte os parâmetros estabelecidos dentro da Linguística de Texto no Brasil, especialmente os trabalhos realizados pelo grupo Protexto. Destacaremos aqui a classificação das intertextualidades elaborada por Carvalho (2018), que em sua tese as divide em estritas e amplas. Nós nos valeremos também de Cavalcante et al (2020), que dedica o capítulo cinco de sua obra à reflexão e análise das intertextualidades como estratégia argumentativa.

Contudo, antes de apresentar tais abordagens mais recentes, se faz necessário apresentar como surgiu a intertextualidade e alguns autores representativos nos estudos sobre esta categoria analítica.

Segundo Kristeva (1974), todo texto se constrói como um “mosaico de citações”, ele apreende e se transforma a partir de um outro texto. Bakhtin não usou o termo intertextualidade, falava em uma multiplicidade de discursos acarretada pelas palavras. O autor interessava-se em falar da carga dialógica dos textos e dos fragmentos de texto que entravam em diálogo. Bakhtin trabalha sobre o romance de Dostoievski para comprovar a noção de dialogismo. Tal romance é caracterizado como *polifônico*, no sentido de que as vozes das personagens se fazem ouvir em sintonia, “diálogo” com o do narrador.

A partir da noção de dialogismo baktiniano, entendemos que não podemos afirmar que um texto é totalmente inédito, que nunca tenha sido dito anteriormente. Esse entendimento corrobora a ideia de que um pensamento sempre deriva de outro. Na perspectiva do autor russo, “a linguagem é sempre marcada por uma situação social e histórica, a partir da qual os sujeitos se constituem, o que torna o eu e o outro inseparáveis” (Carvalho, 2018, p. 20).

Barthes leva a noção de intertextualidade para a leitura, assim admitindo pensar em uma intertextualidade de superfície (estudo tipológico e formal dos gestos de retomada), e em uma intertextualidade de profundidade (estudo das várias relações advindas dos contatos dos textos entre si).

Outro estudo é o de Riffatere, que considera que o texto é “um conjunto de pressuposições de outros textos”, por isso é preciso compreendê-lo a partir de seu intertexto. Para o autor, é fácil localizar o intertexto por causa da resistência estilística de determinadas palavras sendo tomadas ao mesmo tempo em dois sentidos. Esta resistência estilística desperta a atenção e, na maior parte do tempo, supõe o intertexto.

Contudo, a perspectiva de intertextualidade proposta por Genette ([19882]2010) sustenta os mais recentes estudos sobre o fenômeno abordado. O autor apresentou, até então, o mais completo esboço das relações que colocam em diálogo qualquer relação entre textos, gêneros e estilos. O autor, segundo aponta Carvalho (2018, p. 13), “cujo foco foi o domínio da literatura, denominou essas relações ‘secretas ou manifestas’ de ‘transtextuais’, por serem relações que iam “além dos textos”, ou seja, além da relação entre textos específicos”.

Na obra *Palimpsestes* (1982), com o subtítulo *La littérature au second degre*, Genette propõe uma tipologia geral de todas as relações que os textos entretêm com outros textos. O autor restringe o termo *intertextualidade* a “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, [...] como presença efetiva de um texto em outro”. Contudo, o autor também propôs outros diálogos entre textos, gêneros e estilos autorais – fenômeno a que ele chamou mais amplamente de “transtextualidades”, de modo que as copresenças constituiriam apenas um desses casos.

O autor define categorias de *transtextualidade*, termo que reúne todo tipo de relação que um texto tenha com outro. Com o objetivo de tentar organizar as possibilidades de ocorrência da transtextualidade, Genette (2010) tipificou cinco relações transtextuais: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade e a arquitextualidade, as quais são descritas pelo autor em uma “ordem crescente de abstração, implicação e globalidade” (p.12). Carvalho (2018) resume a proposta do autor:

a intertextualidade, cuja forma prototípica é a citação, constitui, na verdade, apenas um dos cinco tipos de relações transtextuais, que incluem, ainda: a arquitextualidade, dada pela conformação de um texto a um determinado gênero; a paratextualidade, referindo-se à relação de um texto com os elementos que o margeiam (prefácio, ilustrações, posfácio etc.); a metatextualidade, relação dada quando um texto comenta outro; e a hipertextualidade, quando se verifica um novo texto inteiro gerado pela transformação ou imitação de um outro. (p. 15)

A intertextualidade, para Genette (2010, p.12), é “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro”, que pode realizar-se através da citação, da alusão e do plágio. A citação é a forma mais explícita de se citar um texto em outro, e normalmente ocorre quando há o uso das aspas, com ou sem referência precisa. Já a alusão “é um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro” (GENETTE, 2010, p.14). O plágio para o autor “é um empréstimo não declarado, mas ainda literal” (2010, p.14), em outros termos, é a apropriação indevida do texto de outro devido à falta de referências.

Seguindo as categorias definidas por Genette, temos a paratextualidade, que o autor define como “uma mina de perguntas sem respostas” (p. 14). Esta categoria se identifica por meio de traços relacionados ao título, ao subtítulo, a intertítulos, a prefácios, a posfácios, a advertências, a prólogos, a notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; *release*, orelha, capa, entre outros tipos de sinais acessórios.

A metatextualidade se define como os textos que falam de outros textos, em geral com o intuito de fazer-lhes críticas, avaliações, comentários e/ou explicações “sem necessariamente citá-los (convocá-los), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo” (Genette, 2010, p. 15 *apud* Carvalho, 2018, p. 25).

Seguindo, o autor define o critério de arquitextualidade, que se apresenta como um tipo transtextual “mais abstrato e mais implícito” (GENETTE, 2010, p.15), facultado pela relação entre o texto e seu estatuto genérico. Carvalho (2018, p. 25) exemplifica tal categoria.

Trata-se da classificação taxonômica, explícita ou não, em que se pode enquadrar um texto. Esse tipo de relação transtextual é produtiva, sobretudo, para a literatura, uma vez que é prática recorrente no campo literário a inscrição do texto em um dado gênero (romance, contos, poesias etc.). Há casos em que se verifica a autodeclaração do gênero no próprio título da obra, como em *Soneto de fidelidade*, de Vinícius de Moraes, embora esse fato, por si só, não assegure uma correspondência entre o texto e um gênero. Compete, pois, ao público, ao leitor ou ao crítico a determinação da etiqueta genérica.

Por fim, Genette (2010, p. 16) estabelece a hipertextualidade como “toda relação que une um texto B a um texto anterior A, do qual ele *brota* de uma forma que não é a do comentário”. O autor dá uma atenção maior em distinguir este critério do de metatextualidade, pois ambos resultam da derivação de um texto em outro. A metatextualidade é relacionada à análise ou ao comentário de um texto, enquanto a hipertextualidade “decorre de alterações de forma e/ou conteúdo operadas sobre o texto

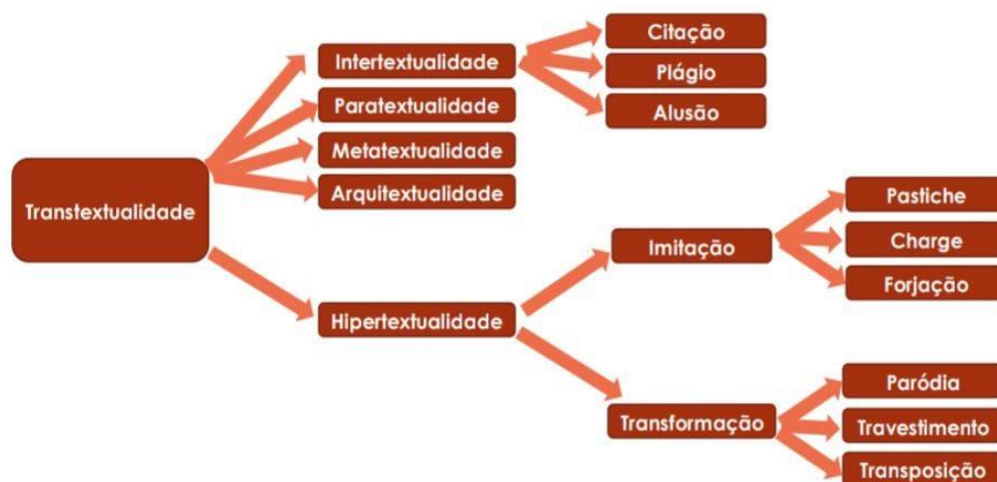
original ou, ainda, aponta para a admissão de um modelo para construção de outro texto” (Carvalho 2028. p. 25).

Carvalho (2018) reflete sobre a hipertextualidade e propõe uma redefinição para ela, a fim de expandir seu alcance a textos de outros domínios discursivos. Para a autora,

o caráter hipertextual da metatextualidade se particulariza pelo atravessamento de sua função de comentário/avaliação, conforme já mencionamos. Um texto se origina de outro, ao qual constantemente se reporta, para fins de análise/comentário. Em outros termos, considerando-se a constituição do hipertexto (um texto inteiro que brota de outro texto), propomos abrigar a metatextualidade sob o escopo da hipertextualidade (p. 25).

De forma mais resumida, abordamos aqui os aspectos mais gerais da proposta teorizada por Genette ([1982]2010) e sua noção de transtextualidade. Tais aspectos se fazem necessários à abordagem porque são base para os trabalhos mais atuais sobre a intertextualidade no campo da LT. Sob um olhar mais geral e criterioso, Carvalho (2018) apresenta um esquema do proposto por Genette:

Imagem 8 – Organograma geral da transtextualidade



Fonte: Nobre (2014, p. 54 *apud* Carvalho, 2018, p. 30)

Dada a apresentação da abordagem genettiana, nos interessa agora falar dos trabalhos mais atuais sobre a intertextualidade. As discussões sobre este tema vêm avançando significativamente nos estudos da linguagem, principalmente no campo da Linguística Textual, em especial nos trabalhos empreendidos pelo grupo Prottexto. As pesquisadoras do grupo chegaram à definição de que a intertextualidade pode ser considerada como um “fenômeno textual-discursivo que abriga, de forma mais ou menos

explícita, as relações entre textos, gêneros e estilos” (CAVALCANTE, FARIA, CARVALHO 2017, p.11). Com isso, partimos da noção de que é no texto que devemos buscar as marcas tangíveis de conteúdo, formas e/ou estilos de outros textos ou autores, capazes de indiciar a intertextualidade.

Ancorados pelo programa da LT, Cavalcante et al (2020) afirmam que “os diferentes modos como os textos se repetem uns aos outros atuam como vetores para que se engendrem os pontos de vista e sua relação com as crenças, valores e posicionamentos” (p. 101). Assim, chegamos ao entendimento de que a intertextualidade é vista como um recurso da linguagem que pode exercer variadas funções, entre elas a argumentativa. Nessa interface entre a TAD e a LT, que resulta em uma análise linguístico-textual, na qual se baseia a construção dessa dissertação, observamos em publicações nas redes sociais, e em comentários nelas presentes, como a intertextualidade se evidencia como estratégia textual argumentativa, principalmente em textos de temáticas polêmicas. Assim, é imprescindível ressaltar o importante papel que a LT vem desenvolvendo nos estudos sobre a argumentação e suas estratégias, especificamente as textuais, “mobilizadas pelos interlocutores para negociar sentidos, a fim de influenciar um ao outro e a um terceiro.” (CAVALCANTE et al, 2020, p. 101). Nessa orientação, traçaremos de forma breve alguns conceitos atuais empreendidos pelo grupo Protexto, bom como pelo grupo Gelt (Unilab), com os quais fundamentamos a construção desta pesquisa.

Carvalho (2018) elaborou uma classificação das intertextualidades estritas e amplas, remanejando redefinindo a concepção de ampla e estrita anteriormente proposta por Koch (2004), Koch, Bentes, Cavalcante (2007) e Nobre (2014). Os autores fizeram a distinção entre intertextualidade *lato sensu* (dialógica) e intertextualidade *stricto sensu* de modo mais operacional, em que a primeira foi compreendida como inerente ao processo de produção de qualquer texto e a segunda aceita apenas em situações em que as marcas de um texto fossem reconhecidas em outro texto, estando presentes mesmo que de maneira menos explícitas. Esta separação possibilitou a refinar a compreensão sobre a intertextualidade. Contudo, essa distinção não é a adota pelo Protexto, pelo Gelt, nem por diversos trabalhos mais atuais sobre esse fenômeno, que se baseiam nos pressupostos estabelecidos por Carvalho (2018) em sua tese. A pesquisadora defende que:

Quanto à natureza do fenômeno, as intertextualidades se subdividam em: i) estritas, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto e ii) amplas, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e

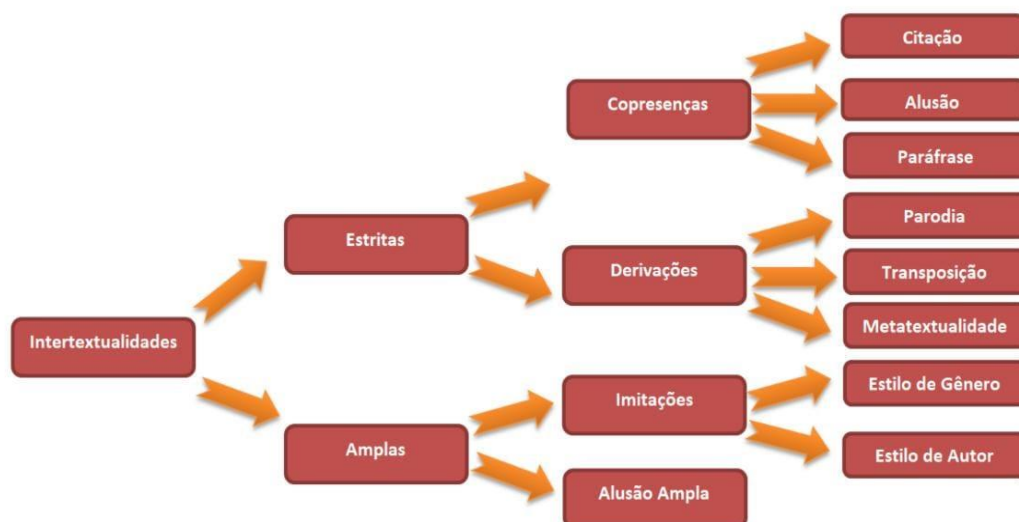
relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos. Esses tipos, embora qualitativamente distintos, não se excluem mutuamente, uma vez que é possível que, num mesmo texto, ambos possam coexistir. (CARVALHO, 2018, p. 81)

Tornando o fenômeno operacionalizável, ou seja, de modo que seja possível evidenciá-lo nas marcas tangíveis deixadas no cotexto (materialidade estritamente linguística de um texto), a autora concebe a intertextualidade como a relação entre textos, gêneros e estilos, que se subdivide em duas formas distintas, estritas e amplas, embora não excludentes, isto é, admitindo-se que, em um mesmo texto, possam coexistir os dois tipos de intertextualidades.

A autora apresenta uma redefinição às intertextualidades, considerando-as como ocorrências intertextuais em um diálogo entre textos específicos, ou entre partes deles, entre parâmetros de gêneros ou estilos de autores, que remetem a um conjunto difuso de textos, de modo que o interlocutor pode reconhecer ou não essas ocorrências. Isso acontece porque “o fenômeno intertextual se dá na interação” (CAVALCANTE et al, 2020).

Nessa perspectiva, o locutor pode até cogitar sentidos, porém não consegue controlá-los, pois seus efeitos são produzidos e/ou retomados pelo outro. Abaixo, o esquema de classificação das intertextualidades estritas e amplas produzido por Carvalho (2018).

Imagem 9 – Classificação das Intertextualidades estritas e amplas



Fonte: Carvalho (2018, p. 110)

As intertextualidades estritas podem ocorrer por copresenças, que podem apresentar-se através da citação, da alusão e da paráfrase; e por derivações, que podem decorrer da paródia, da transposição e da metatextualidade. Já as intertextualidades amplas se subdividem em imitações de estilo de gênero e de estilo de autor, e em alusão ampla.

Carvalho (2018, p. 82) assume a definição da intertextualidade como “a relação entre textos como objeto de análise, verificável por marcas que indiciam o fenômeno”. Com isso, as intertextualidades podem se estabelecer por remissões de diversos tipos, tais como ao léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, à temática, entre outras, algumas vezes mais abstratas e não tão fáceis de retomada, porém, que dialogam de algum modo com outro texto. A reorganização feita pela autora foi pertinente para mostrar como este fenômeno é abrangente, não ficando restrito apenas a algumas formas pontuais de remissão.

Carvalho (2018, p. 84) frisa que sua intenção era de “propor um quadro geral o bastante para ser aplicável a ocorrências concretas diversas, inclusive em textos multissemióticos”, e ao observar o esquema elaborado pela autora, nota-se uma construção didática dessa operacionalização. Os trabalhos pioneiros sobre a intertextualidade assumiram especialmente as relações entre os textos do domínio literário, portanto os verbais. O interesse da autora, então, foi estender o olhar para gêneros variados, rediscutindo categorias analíticas, com o intuito de torná-las suficientemente eficazes para abranger situações intertextuais diversas.

Diante do exposto, vamos abordar a classificação proposta por Carvalho (2018). O primeiro grupo delimitado pela autora é o das intertextualidades estritas. Como subtipos de intertextualidades estritas de copresença, a autora assume três modos de um texto se repetir em outro: por citação literal, por parafraseamento de conteúdos e por alusão, este último se caracterizando como uma menção indireta.

Dentre as ocorrências intertextuais, a citação é geralmente a mais explícita, marcada por verbo *dicendi*, dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida. Quando não há essa marcação, a parte intertextual já é conhecida o suficiente pelo público a ponto de ele saber de onde surge determinada referência textual. Vejamos o exemplo:

Imagem 10 – Bolsonaro critica a vacina Coronavac



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CKM556NBjj8/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 15/01/2021.

Na imagem, em que observamos uma publicação no Instagram do Jornal O Povo em relação a falas do Presidente Jair Bolsonaro sobre a vacina Coronavac, do dia 18 de janeiro de 2021, temos uma citação literal de uma frase dita pelo chefe do executivo brasileiro. Nesse contexto, o presidente foi citado na publicação, que apresenta mais outros nove trechos de falas dele fazendo críticas à vacina produzida pelo Instituto Butantan, em parceria com a farmacêutica Sinovac, ou afirmava que não iria comprá-la, um dia após a primeira pessoa ser vacinada contra a Covid 19 no Brasil, recebendo o imunizante Coronavac. Tal citação foi feita justamente para destacar o posicionamento de Bolsonaro acerca do assunto tratado durante os meses que antecederam tal acontecimento em 17 de janeiro de 2021. Com isso, tendo em vista os estudos e a coerência das palavras para o determinado contexto, o autor desta publicação escolheu uma citação direta para compor o texto, que se caracteriza pelo uso das aspas, nome do autor e texto, o que explica o contexto da fala citada acima.

A paráfrase é a retomada de uma porção textual, uma repetição de um determinado conteúdo sob outra forma de expressão. Para Carvalho (2018, p. 91), a paráfrase é a “reformulação de uma porção de um texto-fonte”. Para a autora, há, “nesse processo intertextual, alterações na forma e o esforço para a preservação do conteúdo original”. Definem Cavalcante et al (2020, p. 108) sobre a paráfrase:

Já a paráfrase, como categoria intertextual, refere-se à relação definida pela repetição reformulada de um dado fragmento textual com o compromisso de não operar desvios de conteúdo. Entretanto, o esforço de “preservação” do conteúdo não garante a manutenção dos sentidos, dado que todo texto é sempre marcado por seu traço de irrepetibilidade. Nessa perspectiva, em qualquer processo intertextual, mesmo na paráfrase, haverá sempre deslocamento, (re)construção de sentidos.

No exemplo apresentado abaixo, dado por Carvalho (2018), notamos que a paráfrase ocorre com o objetivo de explicar o conteúdo de outro texto. No novo texto, o autor que parafraseou se apropriou do texto original com a intuito de explicá-lo com suas palavras, sempre preservando o conteúdo original.

Imagem 11 – Exemplo de paráfrase

(35a)

Aqui é necessário exaurir didaticamente esses dois elementos que se polarizam a ponto de podermos dizer que mais do que paródia e paráfrase estamos diante de dois eixos: um *eixo parafrástico* e um *eixo parodístico*. [...] Em contraposição, se poderia dizer que a paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. [...].

(SANT’ANNA, A. *Paródia, paráfrase e cia.* 3. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 28-29.)

(35b)

O autor propõe que se fale não de paráfrase e de paródia, mas de eixo parafrástico e eixo parodístico. O eixo parafrástico se colocaria ao lado do idêntico, não traria novidades à língua [...] ²⁰

Fonte: Carvalho (2018, p. 91)

A alusão estrita se caracteriza por insinuações, empréstimos, menções indiretas. Este subtipo admite modificações formais no texto a que recorre, alterando-se para finalidades diferentes. Carvalho (2018, p. 86) diz que a alusão tem como característica o fato de poder “se realizar por remissão indireta, incorporando-se sutilmente; de apresentar modificações formais no texto a que recorre; de realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, de mencionar título, personagens, nome de autor”, em outras palavras, há em um novo texto partes, trechos, imagens ou formas que aludem a outros trechos. Vejamos o exemplo analisado por Cavalcante et al (2020, p. 107):

Imagem 12 – Charge do Amarildo



Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2020/05/01/confira-a-charge-do-amarildo-de-03042020-238746-article.jpg>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Nas alusões estritas, os textos aludem a outros textos, mesmo que de forma menos marcada e menos literal. Diante disso, é necessário que o texto que alude seja conhecido pelos interlocutores, para que a alusão seja reconhecida e o texto tenha sentido. Neste exemplo, a alusão se dá pelo trecho verbal, na fala de Bolsonaro aos filhos, à cena do filme *O rei leão*, em que a personagem Mufasa apresenta ao seu filho Simba a imensidão de seu reino. Cavalcante et al (2020, p. 108) analisam a alusão nesse exemplo da seguinte forma:

A fala é retomada e atribuída ao Presidente Jair Bolsonaro, com algumas modificações, tal como a marca de plural, já que ele tem mais filhos, três dos quais tomam parte direta em sua gestão. Para cumprir o projeto de dizer do chargista, a saber, estabelecer uma crítica às ações governistas de enfrentamento da pandemia da Covid 19, responsável pela morte de milhares de pessoas, a imagem apresenta, como legado do pai aos filhos, não um país próspero ou um cenário glorioso, mas um cemitério, visto que o número de mortes ultrapassou 100.000³.

Dando continuidade à proposta de Carvalho (2018), temos as intertextualidades estritas por derivação, que ocorrem quando um texto inteiro se origina a partir de outro texto inteiro. A autora estabeleceu três categorias para as relações de derivação: a paródia, a transposição e a metatextualidade. Cavalcante et al (2020, p. 109) resume os processos.

³ Importante ressaltar que esse número de mortes pela Covid 19 no Brasil corresponde ao momento da publicação da obra *Linguística Textual e Argumentação*. Passados dois anos, esse número chega a marca de quase 700.000 mortes pela doença em território brasileiro.

- a paródia (transformação de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte) que opera desvios humorísticos, desde os mais sutis, não satíricos, até os que resultem em rebaixamento do estilo sério do texto original a um estilo mais vulgar ou satírico;
- a transposição, como transformação que implica alguma ordem de alteração num texto inteiro, preservando-se, tanto quanto possível, o conteúdo e a essência do texto-fonte, como é possível notar, por exemplo, nas adaptações de livros a filmes;
- a metatextualidade, que se define como a relação de comentário/crítica/avaliação estabelecida entre textos, isto é, um texto inteiro brota de outro com a finalidade de comentá-lo.

Carvalho (2018, p. 101) entende como amplo “o diálogo tangível entre um texto e um conjunto de textos” em que “não é possível retomar o texto-fonte a que se recorreu”. Em sua proposta, as intertextualidades amplas são divididas em três situações que podem ser ou não reconhecidas pelo interlocutor. São elas: a imitação de parâmetros de gênero, a imitação do estilo do autor e a alusão a textos não particulares.

A imitação de parâmetros de gênero se dá pela retomada dos parâmetros que marcam o gênero, com o propósito de perpetuá-lo. Para entender esse tipo de intertextualidade, o leitor ou ouvinte deve ter conhecimento do gênero e de seus traços relativamente estáveis.

A imitação do estilo do autor se dá quando os traços mínimos e fundamentais são abstraídos e repetidos, de modo que um certo estilo se apresente reconhecível. Esta situação é entendida por Carvalho (2018) a partir da concepção de estilo de base bakhtiniana, a qual se refere ao “conjunto de particularidades discursivas e textuais, que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade” (FIORIN, 2016, p. 51), sendo assim, um conjunto de procedimentos textuais e discursivos que se solidificam pelo uso de um determinado autor e se tornam marcas que o caracterizam.

Por fim, sobre a alusão ampla, que Carvalho (2018) propõe se tratar de um fenômeno em que a há a menção “não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos”.

Cavalcante et al (2020) retorna ao exemplo da charge do Amarildo que retoma a cena do filme *O rei leão*, e analisa que, além da alusão ao filme, há também uma alusão ampla ao fato de as medidas tomadas pelo governo Bolsonaro para minimizar os danos da pandemia não foram eficazes, levando em consideração o grande número de registros de óbito por conta do coronavírus. Este fato, que foi amplamente noticiado e registrado em um conjunto de textos nos mais diversos tipos de mídias, é retomado na charge, caracterizando, assim, a alusão ampla nela presente.

As autoras consideram tal categoria muito cara aos estudos da argumentação empreendidos pela LT, uma vez que ela atua como elemento a partir do qual se textualiza a modalidade argumentativa polêmica. Diante de tal visão, a alusão também se torna essencial para a análise desta dissertação, pois confirma a nossa hipótese de que os processos intertextuais são convocados na polarização e desqualificação do outro, corroborando assim a perspectiva de que a modalidade polêmica nasce a partir das relações intertextuais e só é efetivada na consideração do diálogo entre textos.

4. METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia adotada para a elaboração de nossa pesquisa. Para isto, com o objetivo de organizar os procedimentos metodológicos, estabelecemos quatro subseções: uma sobre a caracterização, na qual apresentamos a metodologia escolhida; uma sobre a delimitação do universo, na qual descrevemos o corpus; uma sobre os procedimentos de coleta, na qual explicamos como escolhemos e construímos o corpus; e uma para os procedimentos de análise, na qual descrevemos os passos dados para análise, baseados nas hipóteses levantadas, a partir do referencial teórico adotado.

4.1. Caracterização da pesquisa

De acordo com as considerações de Marconi e Lakatos (2001), definimos o nosso método de abordagem como hipotético-dedutivo, pois se originou da observação de lacunas de pesquisas anteriores. A principal lacuna, ao nosso ver, é de um trabalho que demonstre como os fenômenos textuais contribuem e são fundamentais para a modalidade argumentativa polêmica. Quanto a natureza da pesquisa, nosso trabalho se caracteriza como qualitativa uma vez que analisamos a mobilização de estratégias textuais para a manutenção da polêmica em publicações na rede social *Instagram*.

Buscamos, assim, problematizar algumas questões, que tangem tanto ao âmbito da LT quanto ao da TAD:

1. Como se caracteriza a polêmica em análise em termos de dicotomização, polarização e desqualificação do outro?
2. Como as intertextualidades participam na instauração da polêmica e que processos são mais recorrentes nas tentativas de desqualificação do outro?
3. Como o processo de referenciação (introduções referenciais, anáforas e recategorizadores) destaca certos posicionamentos da figura do Proponente ou do Oponente na tentativa de mobilizar no texto a adesão do Terceiro?

Esses problemas de pesquisa foram investigados tendo em conta as técnicas e procedimentos de coleta e de análise de dados explicitados adiante.

4.2. Delimitação do universo

Delimitado o universo desta pesquisa a partir do pressuposto de Ruth Amossy (2017) de que uma polêmica compreende o conjunto de discursos e de interações polêmicas sobre um determinado tema de interesse público.

Nosso corpus tem como um dos critérios de escolha uma amostra dos textos publicados pelo perfil oficial no *Instagram* do jornal Diário do Nordeste, especificamente publicações sobre a vacina Coronavac, da farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. Esta escolha se justifica por se tratar de um espaço propício para interações polêmicas e por ser um tema de interesse público. É importante ressaltar que a escolha por publicações sobre essa vacina se dá pelo teor político e ideológico que rodeou todo o debate sobre a produção e compra dela. É importante ressaltar que a escolha por publicações sobre essa vacina se dá pelo teor político e ideológico que rodeou todo o debate sobre a produção e compra dela. Escolhemos, especificamente, sete publicações que apresentam notícias sobre a vacina Coronavac e seus comentários, no período de julho a outubro de 2020.

Para compreender melhor nossas escolhas, achamos necessário contextualizar a mídia social na qual nossos textos analisados estão presentes, bem como o jornal no qual retiramos nosso corpus. O *Instagram* é uma rede social que possibilita o compartilhamento de imagens e vídeos diretamente do aplicativo no celular. Também podemos seguir usuários, curtir, comentar e compartilhar publicações a qualquer momento. As publicações são mostradas por meio do *feed* e os usuários podem visualizar as publicações das contas que segue, bem como pode usar a opção “explorar” e visualizar *posts* de perfis que não segue. Mídias sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, são espaços livres para a circulação de diversos discursos, práticas textuais, que são palcos férteis para a modalidade argumentativa polêmica. Como afirma Cavalcante et al. (2020, p. 77), “nesse espaço, todos os internautas são relativamente livres para escreverem seus comentários e assim, construirão mais democraticamente aquilo que está sendo dito”. Diante de tal quadro, o *Instagram* permite aos interlocutores o embate de ideias antagônicas, com o objetivo de conseguir adesão dos pontos de vista lançado e defendidos.

Como nossos dados são retirados da mídia social Instagram, seguimos a concepção de tecnodiscurso proposto por Paveau (2017), que defende que as dimensões humana e tecnológica estão co-integradas na produção de conteúdos digitais. Trabalhos como o de Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), apresentam a importância de conceber o

contexto como “ambiente digital no qual se inserem os ecossistemas que hoje participam de todas as nossas ações sociais” (p. 343), na qual sugerem os estudos em Análise do Discurso Digital ponderem sobre a importância de levar em consideração os aspectos interacionais e textuais nas pesquisas que tratam dos gestos tecnolinguageiros. Tal reflexão, embora não abordada em nossa pesquisa teoricamente, nos ajuda a entender o Instagram, como um ecossistema, pertencente ao ambiente digital, no qual se concebe uma linguagem híbrida, formada “indistintamente por matéria linguística e não linguística, e o locutor está distribuído no ecossistema digital” (CAVALVANTE; BRITO, OLIVEIRA, 2021, p. 335).

O jornal Diário do Nordeste é um jornal brasileiro que tem como sede Fortaleza, no estado do Ceará, pertencendo ao Sistema Verdes Mares, do Grupo Edson Queiroz. Com isso, faz parte de um grupo de comunicação que está presente em rádio, televisão, jornal impresso e mídias sociais. No Instagram, o perfil do jornal conta com quase dois milhões de seguidores, o que o torna um perfil de grande alcance nas mídias digitais. Ao visualizar, de forma superficial, o número de publicações diárias e a quantidade de comentários nelas presentes, podemos perceber como é relevante as trocas verbais presentes nesse perfil, desde a própria publicação, aos comentários nela presente.

Tal contextualização, da mídia social e perfil escolhido, bem como a questão polêmica que orientou todo o trabalho, nos direcionou na escolha dos textos analisados, na busca de identificar as estratégias textuais utilizadas para a manutenção da polêmica nas publicações escolhidas. O objetivo central é demonstrar as regularidades do fenômeno.

4.3. Procedimentos de coleta

A coleta de dados foi feita por meio da técnica de documentação indireta, que consiste em coletar dados já prontos e disponibilizados por fontes públicas e privadas. Os textos que compõem o corpus de análise da nossa pesquisa foram coletados em uma rede social da internet (já citada anteriormente), dos quais foram feitos os *prints* dos textos selecionados. Nosso critério para escolha de publicações foram os *posts* sobre a temática da vacina da Covid-19, especificamente as que tratam da vacina Coronavac. Tal questão polêmica orientou todo o nosso trabalho e escolha do corpus, embora outras polêmicas possam atravessar os textos analisados. No corpo do trabalho, quando cada texto for divulgado pela primeira vez, será indicado o endereço virtual de onde extraímos o material e a data da publicação.

O critério temático foi o primeiro ponto definidor para a escolha do nosso corpus. Diante disso, escolhemos publicações que tratassem do tema “vacina Coronavac”, pois foi uma grande questão polêmica que atravessou diversos embates dentro e fora das redes sociais.

Outro ponto a ser explicado é o número de publicações aqui analisadas. Escolhemos sete publicações que diretamente abordaram a temática da Vacina Coronavac. Embora a temática da Covid-19 estivesse em alta no período das publicações escolhidas (bem como nos dois anos em que a pandemia e tudo ligado a ela estivesse em alta no Brasil e no mundo), fazer esse recorte foi necessário para atender ao gênero textual no qual estamos elaborando esta pesquisa, a dissertação. Muniz-Oliveira e Baricelli (2009) mostram que a dissertação deve apresentar uma revisão da literatura com uma síntese de pesquisas relacionadas ao tema, uma contribuição do autor da dissertação com uma nova visão do que já foi dito anteriormente. Diante disso, não poderíamos comportar uma análise de um número grande de textos, correndo o risco de deixar as análises redundantes e cansativas à leitura.

Os comentários das publicações também foram um critério importante da análise, pois, eles fazem parte do todo do texto, como um grande bloco textual. Levamos em conta o critério temporal, primeiros comentários feitos no período da publicação dos *posts*, e também o caráter mais objetivo de escolha, em comentários que evidenciam as categorias de análise aqui trabalhadas.

4.4. Procedimentos de análise

Tendo como base as hipóteses formuladas, presentes em nossa introdução, nossa análise se desenvolveu sob o viés da Linguística Textual, em interface com pressupostos da Teoria da Argumentação do Discurso, de modo que atendesse aos objetivos formulados.

Primeiramente, analisamos o modo como o locutor escreve seu texto utilizando referentes textuais, como anáforas, mirando aproximar cada vez mais o leitor do conteúdo reproduzido. Nas anáforas, analisamos a recategorização como estratégia na formação da instauração e manutenção da polêmica, através da probabilidade do entendimento do Terceiro (o usuário que vê a publicação e os comentários, mas não entra em embate através de comentários), e de comentários feitos nas publicações analisadas, a partir do

fato retratado e recategorizado. Por último, analisamos os processos intertextuais presentes em cada texto.

Nesse ponto, ao processo metodológico de Amossy (2017), que parte, inicialmente, da identificação das teses dicotômicas e dos argumentos que sustentam cada uma delas, tendo em vista que a dicotomização de teses é o primeiro traço definatório da polêmica.

Ressaltamos que os procedimentos metodológicos aqui descritos dependem, inicialmente, da explanação da abordagem que Ruth Amossy (2017) e sua perspectiva de argumentação no discurso. Fazendo interface entre Linguística de Texto e Análise do Discurso, empregamos a proposta de Macedo (2018), que evidencia algumas possibilidades de diálogo entre essas duas disciplinas. Com isso, elementos de textualização, especificamente a referenciação e a intertextualidades, se apresentam como profícuos critérios para a visualização da polarização social que divide a sociedade em grupos opostos, se apresentando como solo fértil para a modalidade polêmica, e assim, podendo se mostrar os diversos pontos de vista através da figuração dos Oponentes e Proponentes de determinadas teses que poderão se apresentar.

Demonstramos, por meio da descrição e da análise dos processos referenciais – introduções e anáforas –, as teses defendidas nos textos em análise, nos referenciando em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), e Cavalcante e Brito (2016). O propósito foi demonstrar como o uso de tais estratégias e recursos referenciais contribui para a orientação argumentativa do texto, especialmente no que diz respeito à manutenção da polêmica. Também analisamos como os tipos de recurso intertextual, baseando-nos em Carvalho (2018), são utilizados em publicações nas redes sociais, sobretudo a alusão, na tentativa que a figura do Terceiro adote o ponto de vista lançado pelos Oponentes ou Proponentes da polêmica instaurada, demonstrando assim que a modalidade argumentativa polêmica se efetiva nos processos intertextuais. Isto posto, corroboramos que as marcas textuais podem ser estratégias constitutivas desses textos que exercem a função de conduzir os conflitos polêmicos que em nossa sociedade se apresentam.

5. UMA ANÁLISE TEXTUAL DA POLÊMICA

Selecionamos sete publicações, e comentários, do perfil do jornal O diário do Nordeste sobre a vacina da Covid 19, especificamente relacionadas a Coronavac. Apresentamos os fundamentos teóricos que orientam a análise dos textos aqui selecionados.

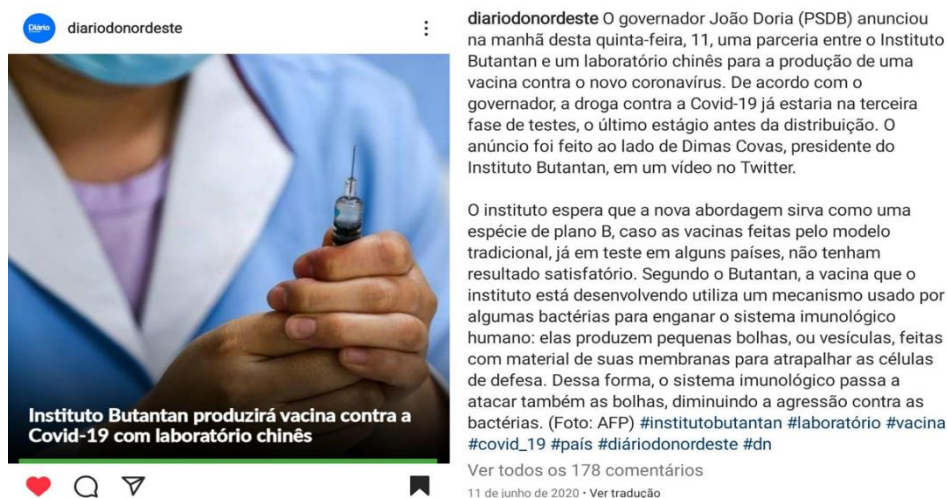
Partimos do pressuposto de que, para que haja atualização e manutenção da polêmica é necessário compreender que marcas textuais são constituintes nesse processo. Um texto em um dado gênero se refere indiretamente, ou faz alusão, a uma situação que aconteceu na sociedade, que foi divulgada em textos anteriores, que vai projetar reações em textos posteriores, assim, atestando a modalidade argumentativa polêmica.

5.1. – Os processos referenciais como marcas de ponto de vista na polêmica

Corroborando com os recentes estudos feitos no campo da LT, consideramos o pressuposto de que todo texto é argumentativo, “uma vez que, em todos, há um sujeito que, embora sofra coerções sociais, culturais e ideológicas, tem sempre intencionalidade e tenta influenciar o outro a repensar pontos de vista” (CAVALCANTE et al, 2020, p. 131).

Refletiremos, a seguir, sobre exemplos de nosso corpus no qual foi evidenciado na análise o teor argumentativo da referenciação na polêmica.

Imagem 13 – Post do Diário do Nordeste de 11 de junho de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBTOHX2JGTr/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

O texto exibido acima é uma publicação feita no perfil do *Instagram* do Jornal Diário do Nordeste, na qual noticiou o anúncio feito pelo então governador do estado de São Paulo, João Dória (PSDB), sobre a parceria entre o Instituto Butantan e um laboratório chinês para a produção de uma vacina contra a Covid 19.

O texto é multissemiótico, pois se compõe por segmento verbal (título presente na imagem) “Instituto Butantan produzirá vacina contra a Covid-19 com laboratório chinês”, bem como a legenda que contextualiza a imagem, e segmento não verbal, composto por uma imagem de uma pessoa segurando uma seringa com agulha, de uma forma que entendemos como um momento de preparação para aplicar uma injeção. A imagem foi produzida com o objetivo de noticiar o fato acontecido, mas também chamar a atenção do leitor sobre a real possibilidade de uma vacina contra a doença, que, até então, acumulava 40.000 mortos.

Neste exemplo, podemos observar uma introdução referencial importante para os exemplos aqui analisados, “vacina contra a Covid-19”. Outra importante introdução referencial é “laboratório chinês”, que, no decorrer de publicações sobre a temática, ganhará novas formas, se caracterizando como novas introduções referenciais, pois cada publicação é um novo texto. Tais escolhas evidenciarão posicionamentos e deixarão nítidas as características da polêmica definida por Amossy (2017).

O texto sofre as influências do meio social e discursivo no qual ele está inserido. Diante disso, é importante ressaltar, mesmo que de forma breve, o contexto desse *post*. No final de 2019, foi registrado o primeiro caso do novo coronavírus na China. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Os casos se multiplicaram rapidamente, com número de infecções e óbitos crescendo diariamente. Com o avanço rápido da pandemia, problemas como escassez de leitos de UTI, falta de medicações e equipamentos para os trabalhadores da saúde se tornava mais corriqueiro naquele momento. Em contrapartida, o ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, defendia a volta à normalidade, se colocando contra os lockdowns impostos por cidades e estados, o não uso de máscaras e reabertura de escolas, ignorando o alerta de cientistas brasileiros e a comunidade internacional que eram amplamente divulgados. Outra questão pertinente é o teor político e ideológico evidenciados nas discussões sobre pandemia do novo coronavírus e a vacina. A China, por ser um país comandado por um Partido Comunista, se apresenta como uma figura contrária ao presidente brasileiro, que se caracteriza como

um político conservador de direita. Tal contexto influenciou, como ainda influencia, embastes polêmicos em diversos espaços, principalmente nas redes sociais.

Ao observar este primeiro exemplo, não se vê explicitamente um posicionamento do veículo de comunicação acerca do tema. Entretanto, em alguns comentários, podemos perceber os critérios definidores da modalidade argumentativa polêmica evidenciados por internautas que se colocam a favor ou contra a ideia de uma vacina feita por uma empresa chinesa em parceria com um instituto brasileiro. Vejamos alguns comentários:

Imagem 14 – comentários da publicação de 11 de junho de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBTOHX2JGTr/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

Acima, podemos perceber a evolução do referente no texto. No primeiro comentário, Lavor se apresenta como Proponente da questão polêmica, ao afirmar “tá repreendido tudo q vem da China”. O usuário apresenta a tese de que não deve confiar na vacina produzida por uma empresa chinesa. Ainda no mesmo posicionamento, o comentário de Lima007 diz “Precisava ser chinês?! Que Deus nos proteja e nos abençoe!”, questionando a suposta origem da vacina e rogando a Deus por proteção contra o futuro imunizante. O usuário 522 deixa um comentário no qual diz “querem é testar a vacina nos brasileiros”, endossando a tese de não confiabilidade na vacina.

Em contrapartida, temos comentários positivos sobre o referente introduzido. O usuário 3 coloca nos comentários emojis representando as mãos batendo palmas e levantadas ao céu. No comentário de Lucia, a internauta escreveu “vai dar certo”, e o usuário 5564 deixa um “Amém”, que em seu sentido contextual parece concordar com o conteúdo exposto na publicação. Contudo, embora estes comentários se coloquem opostos aos primeiros comentários aqui analisados, é no comentário de Silva que temos de forma evidente a dicotomização, que se caracteriza pela divisão instaurada das forças das ideias contraditórias. A internauta escreve “Graças a Deus que algum país tá se importando em dividir a vacina com o Brasil. Pelos comentários poucas pessoas vão querer essa vacina, sinal que n vai ter competição por ela. Oh bênção!” (sic). Neste comentário temos o choque com a tese anterior, que defendia não confiar na vacina citada, a autora apresenta um ponto de vista contraditório, no qual se evidencia o entusiasmo com a notícia dada. A internauta notoriamente parece responder aos comentários que defendem a não confiança na vacina. Temos aqui a figura do Oponente, marcando assim sua posição discursiva em um grupo contrário ao primeiro, ressaltando a dicotomização evidente.

Ainda no exemplo destes primeiros comentários, outro processo referencial é encontrado nos exemplos, as anáforas recategorizadoras. O referente introduzido inicialmente é “vacina contra a Covid-19”, e nos comentários ele é retomado. No comentário de toso.5 ele diz “Doríanes é o nome da vacina!!”, retomando o referente já mencionado antes, porém, ele faz essa retomada mudando sua forma dentro do texto. Sendo esse processo referencial construído não somente à forma referencial, mas também às idas e vindas da construção do objeto de discurso, o termo “Doríanes” recategoriza o referente na tentativa de exercer influência sobre outro, no caso o Terceiro, que assiste a disputa estabelecida entre as teses. Tal recategorização se faz em um contexto. A vacina Coronavac, que nesse momento ainda não tinha essa denominação, foi feita em parceria da farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o instituto brasileiro Butantan. O então governador do estado de São Paulo, João Dória (PSDB), através do instituto já citado, esteve à frente dos acordos e defesa em prol desta vacina. Com tal posição, o governador se colocou contrário à falas e posicionamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro, que naquele momento se mostrou totalmente contrário à aquisição da vacina. Com tal cenário, comentários de ataque ao tucano se tornaram mais frequentes nas redes sociais, feitos por simpatizantes do chefe do executivo. Com isso, a recategorização “Doríane” se refere diretamente à Dória, e todo esse contexto de disputa política e ideológica em questão. No mesmo exemplo, as outras duas propriedades da polêmica podem ser percebidas: a

polarização, que fica evidente entre o grupo de pessoas que defende a vacina e o grupo de pessoas que são contra ela, no qual se comprova pelos comentários, e a desqualificação do outro, no uso do referente recategorizado. Entendemos dessa maneira a presença da terceira propriedade da polêmica compreendendo o contexto no qual ela está inserida, e as disputas discursivas travadas sobre a temática da Coronavac. Nomear de “Doriane” não é somente fazer uma alusão ao nome do então governador de São Paulo, mas também uma tentativa de atacar sua figura, ou daqueles que estão do seu lado da polarização.

Compreendo o referente e sua natureza sociocognitiva e discursiva, a recategorização não poderia ser atribuída exclusivamente a formas referenciais, mas às idas e vindas na construção do objeto de discurso de modo que se estabilizam e instabilizam na tentativa de exercer influência sobre o outro. Isto posto, outro comentário apresenta uma recategorização. O usuário faz o seguinte comentário: “Nome da vacina.... é Chinamata....kkkkk”, no qual se refere a vacina a dando um nome. Tal escolha não é feita de forma despretensiosa, ao contrário, evidencia todo o contexto sóciodiscursivo no qual a vacina Coronavac, e todo o contexto de pandemia no Brasil, está inserido, e mais acima foi explicado. Ao recategorizar o referente chamando de “Chinamata”, o internauta deixa nítido o seu posicionamento acerca da temática, orientando argumentativamente o seu dizer em oposição a aquisição da referida vacina.

Vejamos o segundo exemplo de nossa análise:

Imagem 15 – Post do Diário do Nordeste de 20 de julho de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CC3rKKwpzRF/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso: 13 de julho de 2021.

Neste segundo texto analisado, temos uma publicação de 20 de julho de 2020, um pouco mais de um mês da primeira publicação aqui colocada. O texto é novamente multissemiótico, constituído do segmento verbal (título presente na imagem) “Vacina chinesa contra o novo coronavírus chega ao Brasil para testes”, e o segmento não verbal, apresentado pela imagem de uma mão segurando uma dose de vacina e uma seringa com agulha sendo preenchida com o que parece ser um imunizante.

Neste exemplo, o referente “vacina da Covid-19” dá lugar a uma nova introdução referencial, “vacina chinesa”. Tal escolha referencial considera todo o contexto comunicativo no qual a discussão sobre a vacina Coronavac se encontrava naquele momento. Tal constatação se confirma pela análise de comentários presentes na primeira publicação de 11 de junho de 2020. Nelas, o contexto de disputa discursiva foi evidenciado, principalmente por textos contrários a vacina, baseadas em falas negacionistas, como por exemplo do próprio presidente do país.

Na continuação da polêmica que orienta nosso trabalho, temos mais dois novos textos, nos quais podemos ver a colocação de duas novas introduções referenciais. Tais escolhas de introduzir o referente orientam interlocutores para uma dada interpretação dos pontos de vista do locutor, que já se evidencia no próprio texto da publicação. Trazemos mais dois exemplos, que evidenciam a dicotomização de teses, bem como a polarização vigente na sociedade naquele momento, que no contexto pandêmico, através das redes sociais, tomaram lados na disputa política e discursiva.

Vejamos os exemplos:

Imagem 16 – Post do Diário do Nordeste de 23 de julho de 2020



Fonte: https://www.instagram.com/p/CC_0wQ6JWMq/?igshid=MDJmNzVkMjY=. Acesso em: 13 de julho de 2021.

Imagem 17 – Post do Diário do Nordeste de 27 de julho de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CDJsgJHJ6Bw/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 13 de julho 2021.

Na imagem 13 temos a introdução referencial “vacina da china”, que lança o referente que lança o debate que se acirra nos comentários. Ao fazer essa escolha, o jornal de coloca como Proponente da questão polêmica, porque tal escolha do referente, como foi apresentado, coaduna com a ideia de que a vacina pertencente a China, e carrega consigo todo o aspecto negativo a ela ligada. Ao lermos a legenda, temos o referente apresentado apenas como a “vacina contra a covid-19”, que certa forma passa uma neutralidade, apresentando apenas as informações relativa a notícia. Entretanto, o referente escolhido para a imagem, que o primeiro elemento que é visto quando um usuário acessa o *feed* no *Instagram*, é pensado de forma objetiva, para chamar a atenção dos usuários. E essa escolha é feita de forma estratégica, para gerar gatilhos e atualizar a polêmica sobre a temática. O termo “vacina da China” não foi usado apenas para aludir ao país no qual pertence a empresa farmacêutica envolvida na elaboração da vacina Coronavac. Como já refletido nessa seção, a discussão em torno dessa vacina ganhou espaço nas diversas esferas sociais, principalmente em publicações na internet. A marcação da ligação com a China se dá, principalmente, por questões políticas

ideológicas, na qual temos o referido país, de governo comunista, e o governo brasileiro, representado pela figura do ex-presidente Jair Bolsonaro, que se caracteriza como um político conservador de direita. Falas do chefe do executivo influenciaram posicionamentos tomados por diversas pessoas nas redes sociais. Tal afirmação poderá ser vista no próximo subtópico, na qual abordaremos as relações intertextuais na construção da polêmica.

Na imagem 14, temos mais uma introdução referencial, “vacina do Butantan”. Apesar de ser um termo introduzido nesse novo texto, podemos entender que ele é inserido de forma negociada com o interlocutor. A polêmica em questão estava amplamente discutida naquele momento, nas mais diversas mídias. Ao lermos a legenda, a imagem e o segmento verbal nela presente é contextualizado. Tal escolha não é feita apenas com objetivo de mudar uma nomenclatura, mas lançar uma nova perspectiva sobre o referente introduzido. Acontece um movimento de quebra da perspectiva negacionista instaurada por discursos contrários a Coronavac. Com tal lexical, percebemos uma tentativa de “abrasileirar” a vacina, mostrando que ela também é um imunizante produzido no Brasil, para brasileiros, e que merece confiança. Outro ponto é o destaque ao Butantan, renomado centro de pesquisa biológica localizado na cidade de São Paulo. Portanto, a escolha de usar o termo “vacina do Butantan” é feita na tentativa de garantir passar o prestígio e confiança do instituto ao produto que ele estava fazendo, a vacina Coronavac.

Vejamos agora os comentários da publicação:

Imagem 18 – Comentários da publicação de 27 de julho de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CDJsgJHJ6Bw/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 13 de julho 2021.

Ao observar os comentários acima expostos, podemos perceber que a referência ao termo “China” se faz presente na maioria deles. Embora tenha-se usado a referente “vacina do Butantan”, feita pelo tucano, na tentativa de reconstruir o referente da vacina da Covid-19 e enfraquecer a relação feita ao referente “vacina da China” ou “vacina chinesa”. O usuário 2001 escreveu “Mande in China” (sic), frisando que, apesar de um novo referente ser apresentado, não conseguiu distanciar o referente “China” e todo o contexto com ele acarretado, o contexto de pandemia e disputas narrativas daquele momento fizeram com que ele não fosse esquecido, com isso, o comentário feito na espécie de um lembrete que a vacina fora feita pela China, ou no caso em parceria com uma empresa chinesa. Outros comentários como “Da China??? Tô fora”, “Do Butantã... ou da China... □”, “[...] Deus me livre dessa vacina chinesa”, “[...] Tomar vacina da China? Zulivre” (sic), reforçam a ideia de quem um referente não é apenas uma escolha lexical, ele se caracteriza como um processo, situado em um contexto, nesse processo de idas e vindas para fazer sentido.

Podemos perceber, nos exemplos até agora analisados, os dois modos de atualização da polêmica. No primeiro texto analisado, vemos a notícia que uma vacina será produzida por um instituto brasileiro e um laboratório chinês. Apesar de no momento da publicação o texto abordar um tema no qual polêmica sobre a vacina estava em alta, ele não apresentou um gatilho para o desencadeamento de um debate. É nos comentários que podemos visualizar os atores que confirmam posições antagônicas. Contudo, no segundo e terceiro texto, já podemos perceber uma questão política engatilhada, como pano de fundo de toda a discussão sobre a produção e aquisição da vacina coronavac, evidenciando o primeiro modo da atualização da polêmica.

Outra questão é importante ser percebida nessas análises, que é o fato da referência estar dentro de uma ligação intertextual. Nos textos aqui analisados podemos perceber que eles são construídos a partir de outros textos já existentes sobre o tema, a notícia publicada. Dessa forma, podemos evidenciar que é na simbiose de todas as categorias analíticas de textualização que garantem o funcionamento do texto. Por uma questão metodológica, optamos por separar a análise dos textos, evidenciam em pontos separados

as marcas textuais que orientam nossa análise. Vejamos agora como a intertextualidade contribui para a manutenção da polêmica.

5.2 – A intertextualidade como característica indissociável da polêmica

Concordamos com a hipótese defendida pelos recentes estudos da LT de que “a modalidade polêmica nasce a partir das relações intertextuais e só se efetiva na consideração do diálogo entre textos.” (CAVALCANTE et al, 2020, p. 121).

A escolha de textos presentes nas mídias digitais se faz oportuno para a nossa análise, assim como os mais atuais trabalhos empreendidos no campo da LT, porque todas as ações em nossa sociedade são conduzidas no ambiente digital. É no ambiente digital que os atores sociais expressam mais abertamente seus posicionamentos sobre as polêmicas que constantemente são atualizadas no espaço público. Diante disso, entendemos que a polêmica só pode ser analisada na interação, na ocorrência dos textos e nos diálogos entre eles. Segundo (CAVALCANTE et al, 2020, p. 121), “é só na interação e nas intertextualidades requeridas que todos os personagens da polêmica se colocam nos papéis sociais de Proponente, Oponente e Terceiro.”

Diante de inúmeras polêmicas que atravessam nossa sociedade, continuamos nossa análise sobre elaboração, aquisição e uso da Vacina Coronavac contra a Covid-19, que rendeu diversas discussões nas redes sociais no ano de 2020. Na seção anterior a esta, analisamos como os processos referenciais influenciam pontos de vista na atualização da polêmica. Continuaremos aqui a análise de *posts* sobre a temática abordada presentes do *Instagram* do Jornal Diário do Nordeste.

Vejamos o primeiro exemplo:

Imagem 19 – *Post* do Diário do Nordeste de 07 de setembro de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CE1QCNOpijr/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

Neste primeiro exemplo, temos um texto multissemiótico, composto por um segmento verbal (na fala da personagem) “Vacina?! Não tem quem faça eu tomar!”, e segmento não verbal, representado pela imagem dos dois homens conversando, um deles usando máscara, enquanto escuta o outro que não usa máscara, este segundo sendo abordado por trás pelo figura que simboliza a estrutura biológica do vírus SARS-CoV-2.

Essa charge foi publicada em um período em que os casos de Covid-19 aumentavam diariamente de forma drástica, em que se fazia necessário medidas de distanciamento social e de proteção para não se contagiar com a doença, que até então não tinha uma vacina liberada. Em contrapartida a esse contexto de grave problema sanitário, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, se referiu à doença como uma “gripezinha”, quando questionado sobre as mortes disse “não ser coveiro”, defendeu remédios ineficazes contra a doença e criticou as vacinas contra a Covid em diversas ocasiões. Vejamos abaixo uma reportagem da BBC News Brasil que relata as falas de Bolsonaro que contextualizam a charge analisada:

Imagem 20 – Reportagem da BBC News Brasil sobre falas de Jair Bolsonaro



BBC NEWS BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia

Duas vezes 'gripezinha'

01:11

2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega

27 novembro 2020

Durante a sua já tradicional live das quintas-feiras, o presidente Jair Bolsonaro disse que nunca chamou a covid-19 de "gripezinha" e afirmou que não existe nenhuma gravação que mostre o contrário.

"A grande mídia falando que eu chamei de gripezinha a questão do covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma", disse o presidente.

Em março deste ano, no entanto, o presidente usou a expressão ao menos duas vezes publicamente. A primeira vez, em uma coletiva de imprensa, no dia 20 de março: "Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?".

Quatro dias depois, voltou a usar o termo em pronunciamento nacional em rádio e TV:

"No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão".

Ele se referia a uma fala do médico Drauzio Varella, que apoiadores do presidente resgataram de um vídeo de janeiro deste ano. Mais tarde, o médico gravou novo depoimento em que reconhecia que havia subestimado o novo coronavírus.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Em 2020, no início da pandemia de Covid-19, com o grande aumento no número de hospitalizações e mortes causadas por infecções pelo sars-cov-2, levou vários profissionais da área da saúde e pesquisadores a buscarem possíveis tratamentos para o novo coronavírus, fazendo com que, naquele momento, vários medicamentos comesçassem a ser testados contra a doença, tanto de forma empírica quanto por meio de pesquisas. Mesmo com a não comprovação da eficácia de tais medicações, medicamentos como a hidroxicloroquina e a ivermectina passaram a ser adotados em larga escala no Brasil, especialmente depois de serem promovidas pelo chefe do executivo brasileiro. O chamado “kit covid” foi defendido fortemente pelo governo federal, e falas contra a imunização por meio da vacina contra covid foram feitas por Bolsonaro e seus simpatizantes. Na charge, é possível verificar uma alusão ampla ao fato de que o ex-presidente brasileiro criticou desde o início as vacinas contra a doença, principalmente a Coronavac, quando em diversos momentos afirmou que não acreditava que a “vacina chinesa” transmitia segurança, devido a sua origem, fazendo também uma alusão ao fato da China ser um país comunista.

Tais falas de Bolsonaro foram noticiadas amplamente nos mais diversos meios de comunicação. Para contextualizar, e entender que elas fazem parte do conhecimento de grande parte das pessoas que tem acesso as redes sociais e jornais, separamos aqui uma

reportagem que apresenta um levantamento de falas do ex-presidente sobre a vacina coronavac. Vejamos:

Imagem 21 – Reportagem do site Poder360 sobre falas de Jair Bolsonaro



PODER 360 LOGIN

Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação

Há pouco mais de 1 ano, presidente afirmou que "menos da metade" da população se vacinaria

O presidente Jair Bolsonaro em evento no Palácio do Planalto

ANNA JÚLIA LOPES
17.jan.2022 (segunda-feira) - 6h00

CORONAVAC

- 30.jul.2020 – “Entramos naquele consórcio de Oxford, e pelo que tudo indica [a vacina] vai dar certo. Cem milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país, não”, ironizou o presidente em relação às vacinas produzidas pela China.
- 21.out.2020 – “Alerto que não compraremos vacina da China. Bem como meu governo não mantém diálogo com João Doria sobre covid-19”.
- 22.out.2020 – “Nós não compraremos. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população”.
- 10.nov.2020 – “Morte, invalidez e anomalia... Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos a tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”.
- 12.nov.2020 – “Pode ser o efeito colateral da vacina também. Tudo pode ser. Não sei se já chegaram à conclusão, mas esclarece e volta a pesquisar a vacina, a CoronaVac, da China”, disse o presidente sobre o suicídio de 1 voluntário nos testes da vacina chinesa.
- 25.dez.2020 – “A eficácia daquela vacina em São Paulo parece que está lá embaixo, né?”

Fonte: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>.

Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Tais posicionamentos refletiram em diversos embastes nas redes sociais, no qual podemos caracterizar como uma polêmica. Vejamos alguns comentários:

Imagem 22 – Comentários da publicação de 07 de setembro de 2020



diariodonordeste 115 sem
Confira a charge desta segunda-feira (7)
#DiárioDoNordeste #dn

_pires1 114 sem
O povo n que toma, Kkkllkk melho q sobra mais pra quem realmente merece TOMA!!!! 😂

_sophia001 114 sem
NAO MESMO

a4998 114 sem
CHINA ! ãi mesmo kkk

_gaspa 114 sem
Da China nunca!

a5197 114 sem
Diário do Nordeste a charge ?!

ngomess 114 sem
Vamos ter a nova revolta da vacina no Brasil?

pmedeiros 114 sem
Por mais incrível que pareça, tem muitas pessoas assim.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CE1QCNOpjir/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

Neste exemplo com os comentários presentes na publicação da charge acima analisada, podemos perceber características da modalidade argumentativa polêmica, que são acionados pela charge que faz alusão amplas aos posicionamentos do governo federal e falas do presidente brasileiro naquele momento. Nesse espaço de rápida circulação de informações, temos um fértil palco para disputa de teses contrárias. A charge, grosso modo, tem o objetivo de satirizar alguém alguma situação ou um acontecimento atual em dada sociedade. A charge também garante a atualização da polêmica, pois, o próprio gênero, refere-se indiretamente a falas e situações divulgadas em textos anteriores. Com essa visão, entendemos que a charge já atua na crítica a tais posicionamentos contrários à vacina, com isso, lançando uma posição, se caracterizando como a figura do Proponente. A charge também, acompanhada dos comentários do post, se coloca num campo discursivo de oposição de teses (a favor e contra a vacina), caracterizando assim a dicotomização, que decorre dessa situação concreta. Ao observar os comentários, podemos perceber outra característica da polêmica, que é a polarização. Neles, o grupo de usuários da rede social, extremamente diversificados, marcam seus posicionamentos e escolhas acerca da temática abordada. No comentário de Pires¹, ele diz “O povo n que toma, kkkllkk melhor q sobra mais pra quem realmente merece TOMA!!!!” (sic), evidenciando sua posição na polêmica atualizada pela publicação, que concorda com a crítica proposta pela charge. Outro comentário que marca sua posição de concordância com a charge é o de Medeiros, que escreveu “Por mais incrível que pareça, tem muitas pessoas assim”, se referindo a figura que o personagem representa em meio à polêmica deste tema.

Contudo, logo de início temos o outro lado da polarização, representado pelos comentários de Sophia001, 4998 e Gaspar, que respectivamente escreveram “Não mesmo”, “CHINA! Ñ mesmo kkk” e “Da China nunca!”, marcando sua posição de crítica a vacina, bem como a crítica feita pela charge, em relação às pessoas que naquele momento cogitavam em não tomar o imunizante. Os comentários também apresentam uma alusão ampla às diversas falas contrárias a vacina Coronavac, principalmente de Bolsonaro.

Outro comentário interessante nesse exemplo, é o do usuário Gomess, que deixou o seguinte questionamento: “Vamos ter a nova revolta da vacina do Brasil?”. Tal

comentário faz uma alusão a movimento popular ocorrido entre 10 e 16 novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, que era contrário à obrigatoriedade da aplicação da vacina contra varíola. Em cinco dias de protestos, a revolta deixou um saldo de 945 prisões, 110 feridos e 30 mortos, segundo o Centro Cultural do Ministério da Saúde. O movimento tomou proporções nunca vistas naquele momento histórico. Ao fazer essa remissão referencial notadamente intertextual, o usuário tenta comparar o acontecimento do início do século XX aos movimentos antivacinas que cresciam no Brasil no contexto da pandemia do novo coronavírus. Entendemos o comentário como uma crítica a esse movimento, reforçando aí uma tese contrária ao negacionismo.

Em outro bloco de comentários da mesma publicação, podemos notar outra propriedade da modalidade polêmica: a desqualificação do outro. Vejamos:

Imagem 23 – Continuação dos comentários da publicação de 07 de setembro de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CE1QCNOpjir/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

O usuário Pires01 comentou “Esse aí só pode ser da turma do bozo kkkkk”, em referência ao personagem da charge e ao ex-presidente Bolsonaro, que pejorativamente é chamado Bozo por críticos do seu governo. Bozo é um personagem palhaço que se tornou muito popular nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. Com o uso desse termo, é atribuído a Bolsonaro as características de um palhaço, de alguém que não deve

ser levado a sério, o que entendemos se enquadra na tentativa do locutor de desacreditar o adversário e os argumentos que ele usa, nesse caso, desacreditar dos posicionamentos defendidos pelo ex-presidente. Em resposta direta ao comentário de Pires01, Medeiros31 diz “homem que fala bozo beija outro homem”, se caracterizando em um ataque ao comentário anterior. Este segundo comentário apresenta uma carga homofóbica, ao nosso ver, pois é típico de práticas homofóbicas atacar o outro negativamente por uma relação homoafetiva, que trata tal tipo de relação de forma satirizada para atacar a honra do Oponente de sua tese. Na sequência de respostas de comentários a Pires01, temos outros internautas que exaltam o comentário de Medeiros31. Porém, uma resposta nos chama atenção, a do usuário 207, que responde um comentário antes dele, que se posiciona contra a obrigatoriedade da vacina, no qual usa o termo “jornalzinho” para se referir ao veículo de comunicação, atribuindo uma perspectiva de um jornal sem muita credibilidade e opinião própria.

Para caracterizar os usos de processos intertextuais como critérios definidores da polêmica, vamos observar mais um exemplo:

Imagem 24 – Post do Diário do Nordeste de 21 de outubro de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CGmxVOWJ-ii/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em 20 de julho de 2021.

Neste exemplo, temos um texto multissemiótico, formado pelo segmento verbal (título da publicação na primeira imagem e *print* de dois comentários na segunda), e o

segmento não verbal composto por uma imagem de Jair Bolsonaro. Apensar de nosso foco ser a análise das alusões, é importante destacar outros processos intertextuais (e referenciais também) que compõe os exemplos. O exemplo acima é formado por dois textos, porque a publicação é composta por duas imagens. Na primeira, temos uma ocorrência de intertextualidade estrita de copresença, por meio de uma citação. O texto da primeira imagem inicia com um trecho marcado pelo uso das aspas, evidenciando uma ocorrência explícita. No seguimento verbal da primeira imagem temos “‘Não será comprada’, diz ex-presidente Bolsonaro sobre a vacina chinesa Coronavac”, no qual faz uma citação a uma fala do chefe do executivo em resposta a outro comentário feito em uma publicação do Ministério da Saúde em que anunciava a compra de 46 milhões de doses do imunizante desenvolvido pela farmacêutica Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. Na segunda, temos o texto no qual foi retirada a fala do ex-presidente, no qual entendemos ser uma alusão estrita, porque no texto da primeira imagem, temos a citação, porém apenas em um trecho do diálogo exposto na segunda imagem. Na imagem podemos observar que Bolsonaro responde o comentário que diz “Presidente, a China é uma ditadura, não compre essa vacina, por favor. Eu só tenho 17 anos e quero ter um futuro, mas sem interferência da Ditadura chinesa”. Essa segunda imagem foi publicada juntamente com a notícia com o objetivo de contextualizar a afirmação do presidente de não comprar a vacina. Contudo, no comentário do internauta direcionada a Bolsonaro, podemos perceber uma alusão ampla aos diversos posicionamentos e falas feitas pelo líder de direita brasileiro. Em vários momentos nas suas tradicionais *lives* feitas (durante boa parte do seu governo), o ex-presidente alegou que não sentia “segurança” no país (se referindo ao país asiático), ressaltando o fato de a China ser um país comunista. Este fato (assim como vários outros parecidos feitos por Bolsonaro durante a pandemia), amplamente noticiado e registrado em um conjunto de textos que circulam nas mais diversas mídias, é retomada no comentário da segunda imagem, configurando-se como uma ocorrência de alusão ampla.

Observaremos agora mais uma publicação, composta por uma charge. Vejamos:

Imagem 25 – *Post* do Diário do Nordeste de 23 de outubro de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CGrluivp1rl/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

A charge, publicada no *Instagram* do Diário do Nordeste, ilustra uma cena de um homem vestindo uma camisa amarela (que faz alusão aos simpatizantes de Bolsonaro, que se vestem com camisas da seleção brasileira), assistindo televisão que noticia informações sobre a vacina Coronavac, em meio a objetos etiquetados evidenciando seu lugar de produção. O texto é multissemiótico, formado pelo seguimento verbal (fala da personagem em balão, notícia transmitida na TV e textos das etiquetas) “Resultados da vacina Coronavac”, “Made in China” e “Não sou cobaia!!! Jamais usarei nada da China!”; e seguimento não verbal composto pela ilustração mais acima descrita. Com o objetivo de fazer uma crítica às pessoas que defendiam o discurso contra a vacina Coronavac, a charge apresenta a ocorrência da alusão a uma fala do ex-presidente Bolsonaro feita no dia 21 de outubro de 2020, em uma publicação feita nas redes sociais⁴. Na ocasião, Bolsonaro se referiu ao imunizante como “vacina chinesa de João Dória” e afirmou que a população brasileira “não seria cobaia de ninguém”.

Ao analisar a charge, podemos apreender o caráter intertextual da polêmica. Esse diálogo entre textos nos permite visualizar que divide a sociedade em grupos opostos. Vejamos a publicação do presidente na qual parte a alusão analisada na charge:

Imagem 26 – Publicação no *twitter* de Bolsonaro do dia 21 de outubro de 2020

⁴ Informação noticiada em diversos sites de notícias e jornais, como, por exemplo do site Poder360, através do link: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-brasil-nao-sera-cobaia-da-vacina-chinesa/>, acessado em: 15 de outubro de 2021.



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537?t=HiJzAxQcSurUgJYolvmU4A&s=19>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

Ao observar a charge e relacionar ao texto publicado pelo ex-presidente, fica evidenciado o caráter intertextual na construção do texto publicado do Diário do Nordeste. Tal constatação fortalece nossa hipótese a intertextualidade é uma característica constitutiva da polêmica, e que ela se efetiva no diálogo intertextual. O exemplo analisado apresenta a figura de uma personagem que representa os simpatizantes de Jair Bolsonaro, evidenciado assim a polarização instaurada acerca da temática (assim como em diversos temas e disputas políticas e de narrativas no Brasil nos últimos anos). É possível observar também as propriedades da modalidade polêmica em funcionamento, mesmo que de forma sutil, ao compreender a sátira empreendida pelo chargista, que ilustra uma figura que apresenta uma certa hipocrisia, que mesmo estando em volta de vários produtos feitos na China, ataca uma vacina produzida em parceria com uma farmacêutica desse país, influenciados por posicionamentos do presidente brasileiro. É evidente também a desqualificação nesse exemplo, assim como em todos os outros, da vacina Coronavac, que durante todo esse período foi atacada por falas de Bolsonaro e de seus simpatizantes, a maioria sem nenhum respaldo científico.

Diante de tais reflexões, fica evidenciado como os processos intertextuais são convocados na polarização e na desqualificação na interação polêmica. É através desse que fenômeno podemos compreender as questões sociais controversas, e suas manifestações discursivas, principalmente no âmbito textual, para entender as

reformulações feitas em novos textos. Assim, as intertextualidades garantem essa reconstrução “*a posteriori* para que os textos que manifestem múltiplos e diversificados pontos de vistas [...]” para que sejam “figurativizados como Oponentes e Proponentes de uma determinada tese” (CAVALCANTE et al, 2020, p. 130, grifo do autor). A intertextualidade manifesta-se como uma estratégia constitutiva dos textos que cumprem a tarefa de gerir verbalmente os debates polêmicos existentes em nossa sociedade, com isso, ela se torna obrigatória na análise de todo e qualquer texto que se evidencie na modalidade argumentativa polêmica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo, com estas análises, foi demonstrar que as marcas textuais participam da instauração e da manutenção da polêmica. Partimos da hipótese de que os processos referenciais e intertextuais poderiam evidenciar a atualização da polêmica nos textos. Para tal, utilizamos a Teoria da Argumentação no Discurso, proposta por Amossy (2018), que respalda teoricamente a proposta da Linguística Textual em analisar estratégias textuais dentro das modalidades argumentativas. Tomamos como pressuposto teórico a interface entre a Argumentação no Discurso (Amossy, 2018a [2006]) e a Linguística Textual, a qual evidencia explicações da argumentação no discurso por categorias de textualidade.

Com base nos pressupostos de Amossy (2008), utilizamos a noção de modalidade argumentativa, especificamente a modalidade polêmica, concordando que a argumentação acontece tanto para o consenso quanto para o dissenso. Entendemos que as estratégias argumentativas estão envolvidas não somente nos aspectos “linguísticos”, mas também nas estratégias de textualização, como explicam Cavalcante et al. (2020).

Para assim compreender a argumentação, corroboramos com o pressuposto de que todos os textos são argumentativos, pois todos os enunciados carregam em si diferentes pontos de vista de seu enunciador. Diante disso, escolhemos para a análise publicações do Instagram do jornal Diário do Nordeste que tinham por tema a vacina Coronavac. Tal escolha temática teve por motivação o teor polêmico que os debates sobre a Covid-19 e as vacinas produzidas no período de pandemia apresentaram nas redes sociais. Diante de tantos pontos de vista e discussões acirradas, vimos como fértil a análise de textos que tinham a vacina produzida pelo Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac como tema.

Analizamos em nosso corpus como a polêmica se caracterizava em termos de dicotomização, polarização e desqualificação do outro, e pudemos evidenciar que as propriedades da modalidade argumentativa polêmica se efetivam através das marcas de textualidade. Em nossa pesquisa analisamos como os processos referenciais alinham certos posicionamentos da figura do Proponente ou do Oponente na tentativa de mobilizar o Terceiro, e, conseguimos mostrar que introduções referenciais e anáforas recategorizadoras se apresentam como estratégias que constroem e reconstroem posicionamentos diante do debate polêmico instaurado.

Na análise dos processos intertextuais, demonstramos o que Brito (2018) propôs e que Cavalcante et al. (2020) explicam, que a intertextualidade surge como estratégia e

marca textual constitutiva da modalidade argumentativa polêmica, e que é no diálogo intertextual que ela se efetiva. Demonstramos que os processos de alusão, paráfrase e citação são constituintes dos textos que tem como função conduzir verbalmente os conflitos polêmicos que atravessam as mídias sociais, onde esses debates todos os dias estão presentes. Defendemos aqui que o processo intertextual é inevitável para a modalidade argumentativa polêmica.

Outro ponto importante a se destacar é que os processos referenciais e intertextuais andam lado a lado nos textos em que a polêmica está presente. Embora tenhamos aqui separado em nossa análise essas categorias textuais, podemos perceber que a referência está dentro da ligação intertextual nos textos, que os referentes são construídos dentro de contextos que orientam argumentativamente os textos, e que esses são atravessados por outros textos. Portanto, defendemos que a análise da polêmica seja feita pelos aspectos de textualidade em conjunto, pois essas marcas de textualização contribuem em conjunto para a efetivação da modalidade argumentativa polêmica.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. **Les textes: types et prototypes-récit, description, argumentation, explication et dialogue**. Paris: Nathan, 1992.

_____. **Quadro teórico de uma tipologia sequencial**. In: BEZERRA, B. G.; CAVALCANTE, M. M. Gêneros e sequências textuais. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.

AMOSSY, R. **As modalidades argumentativas do discurso**. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander (Orgs.). *Análises do discurso hoje*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.

_____. **Apologia da polêmica**. Tradução de Mônica Cavalcante et alii. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Lopes Piris *et alii*. São Paulo: Contexto, 2018.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. **Construction de la référence et strategies de designation**. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER- BÉGUELIN, M.-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Trad.) Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucutec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões referenciais: uma proposta classificatória**. Cadernos de estudos Linguísticos. Vol. 44. Unicamp, 2003.

_____; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: Quatro Comunicação, 2004, 21p.

_____. **Referenciação: Sobre Coisas Ditas e Não Ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014. 170p.

_____. **Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual.** ReVEL, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

_____.; BRITO, M. A. P. **O caráter naturalmente recategorizador das anáforas.** In: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). Estudos do discurso: caminhos e tendências [Internet]. São Paulo: Paulistana, p. 119-133, 2016.

_____.; BRITO, M. A. P.; ZAVAM, A. **Intertextualidade e ensino.** In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. Linguística textual e ensino. São Paulo: Contexto, p. 108-127, 2017.

_____.; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas.** Revista de Letras, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 7-22, julho/dezembro 2017.

_____.; MARTINS, M. A. **Referenciação: em síntese.** In: Álisson Hudson Veras Lima, Maria Elias Soares, Sávio André de Souza Cavalcante (Org.). Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer. Vol. 2 São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 437p.

_____ et al. **Linguística Textual e Argumentação.** – 1. ed. – Campinas, SP: Pontes editora, 2020.

_____.; Brito, M. A. P. & Oliveira, R. L. de. (2021). **A relevância do texto e da interação no contexto digital.** Calidoscópio, 19(3): 333-344. 10.4013/cld.2021.193.03

_____.; BRITO, M. A. P. et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações.** 1. ed. – Campinas, SP: Pontes editora, 2022.

CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso político. In: Ida Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.). **As emoções no discurso**, volume I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

_____. **A patemização na televisão como estratégia de autenticidade.** In: MENDES, E; MACHADO I.L.

_____. A argumentação em uma problemática da influência. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. [www.revel.inf.br].

_____. **Um modelo sócio-comunicacional do discurso:** entre situação de comunicação e estratégias de individualização. [não paginado], 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

CIULLA, A.; MATOS, J. G. **Os processos de recategorização na construção avaliativo-argumentativa do texto.** ReVEL, edição especial vol. 14, n. 12, p. 258-277, 2016.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação.** 331p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. **Rediscutindo o princípio de construção negociada dos objetos de discurso.** Revista de Letras, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 63-77, jul./dez. 2017.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão.** Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010 [1982].

KÁDÁR, D.Z. **Politeness, impoliteness and ritual maintaining the moral order in interpersonal interaction.** London, Cambridge University Press, 2019. 262 p.

KOCH, I. V. **Referenciação e orientação argumentativa.** In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M; BENTES, A.C. (orgs.) Referenciação e Discurso. Ed Contexto, São Paulo, 2005.]

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACEDO, P. S. A. de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual.** 243 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

_____; CAVALCANTE, Mônica M.. **Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil.** Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, p. 303-320, n. 1, jan-abr/2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____, KOCH, I.G. V. **Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada.** In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado.* v. VIII. Campinas: Editora Unicamp, 2002, p. 31 – 56.

MARTINS, M. A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais.** 2019. 142f - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto: 2003.

NOBRE, K. C. **Crítérios classificatórios para processos intertextuais.** 2014. 128f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2014.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.